



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

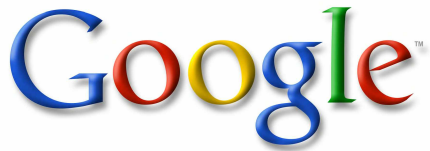
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

B1043
P6T4
1902

STANFORD
LIBRARIES

ESCOLA POSITIVISTA DO BRAZIL

1. SAO PAULO, 1902. 2. 1902. 3. 1902.

1902. 1902. 1902.

PÁTRIA BRAZILEIRA

Revista da Escola Positivista do Brasil, fundada em 1902.

Publicada no Rio de Janeiro, em 1902.

1. 1902. 2. 1902. 3. 1902.

Publicada no Rio de Janeiro, em 1902.

O PRIMEIRO ANO

1902. 1902. 1902.



RIO DE JANEIRO

Publicada no Rio de Janeiro, em 1902.

1902. 1902. 1902.

1902. 1902. 1902.

Publicada no Rio de Janeiro, em 1902.

1902. 1902. 1902.



B1043
P6T4
1902
N. 4

STANFORD
LIBRARIES

INSTITUTO POSITIVISTA DO BRASIL

SEDE: AV. SÃO FRANCISCO, N. 4, ANEXO SÃO BASTO,
PRIMEIRO ANDAR.

PREÇO ANUAL

TRÊS REIS

PÁTRIA BRAZILEIRA

Órgão da Associação Positivista do Brasil
em Rio de Janeiro

Estabelecida na noite de 31 de Setembro de 81

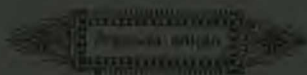
(7 DE SETEMBRO DE 1891)

Publicação de quinzenal, com o conteúdo da Indivíduo.

Por

H. THELIERA SENDES

Si l'on veut en faire l'usage, on pourra
également insérer, au la Famille & l'Etat,
sans aucune restriction de la Patrie.
(*Extrait de l'Individue*, tom. III)



RIO DE JANEIRO

NA SEDE CENTRAL DO INSTITUTO POSITIVISTA DO BRASIL

Tempo da Humanidade

N. 3, Rua Domingos Dumast, 31

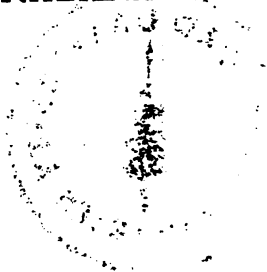
ABRIL DE 1902

Ano CXXV da Revolução Francesa & XLVIII de Era Normal

Preço = 3.000 Rs.



A PÁTRIA BRAZILEIRA



Sobre a ortografia tizada em nossos escritos, veja-se o
opúsculo — *Nôrmãs ortográficas*, por Miguel Lemos.

N. 4

APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O AMOR POR PRINCÍPIO, E A ÓRDEM POR BAZE;
O PROGRÉSSO POR FIM.

Viver para outrem.

Viver às claras.

A PÁTRIA BRAZILEIRA

Discurso lido na sessão sociolátrica da SOCIEDADE POZITIVISTA
DO RIO DE JANEIRO.

Celebrada na noite de 26 de Gutenberg de 93

(7 DE SETEMBRO DE 1881)

Em comemoração do quinquagésimo-novo aniversário da Independência

POR

R. TEIXEIRA MENDES

Ni le cœur, ni même l'esprit, ne peuvent
dignement monter de la Famille à l'Hu-
manité sans l'entremise de la Patrie.

(*Catéchisme Positiviste*, pag. 301).

Segunda edição

RIO DE JANEIRO

NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL

Templo da Humanidade

30, Rua Benjamin Constant, 30

1902

Ano CXIV da Revolução Franceza e XLVIII da Éra Normal

B1043

p. 674

1902

AVIZO AO LEITOR

Este opúsculo foi publicado pela primeira vez quando ainda reconhecíamos a direção do Sr. P. Lafitte, da qual nos desligamos completamente a 3 de Shakespeare de 95 (12 de Setembro de 1889), por motivos que já fôrão devidamente justificados. Esta advertência é indispensável para que o leitor imparcial possa fazer os desfalques necessários em tudo quanto neste escrito se resentir de semelhante passado. Além disto cumpre-nos obstar com a mássima lealdade a que os espíritos lucrativos possam ser iludidos, como nós o fomos, em detrimento da religião que professamos e procuramos propagar e praticar.

Pelo Apostolado Positivista do Brazil:

MIGUEL LEMOS, Diretor.

Comemoração positivista do 7 de Setembro

PALÁVRAS COM QUE O SR. MIGUEL LEMOS
ABRIU A SESSÃO SOCIOLÁTRICA CELEBRADA NO DIA
7 DE SETEMBRO DE 1881

Foi a 7 de Setembro de 1881 que pela primeira vês comemorámos o aniversário de n'ossa Independência.

A sessão sociolátrica que então celebrámos teve lugar no vasto salão do Congresso Ginástico Português.

O discurso comemorativo foi lido pelo Sr. R. Teixeira Mendes, sendo logo depois publicado sob o título—*A Pátria Brasileira*.

O Sr. Miguel Lemos, diretor do Apostolado Positivista do Brazil, abriu a sessão com as seguintes palavras:

CONCIDADÃOS!

Os positivistas brasileiros celebrão hoje a Fésta da Pátria.

Amar e servir a Pátria são duas grandes funções do coração e da atividade humana.

Os laços que nos prêndem à Família, preciôzos como baze para o alargamento continuo das afeições humanas, não bástão ao n'osso dezenvolvimento total.

Entre a Humanidade, verdadeiro Ente Supremo que

concentra em si todos os grandes resultados de nossa evolução, e a Família, que é, por assim dizer, o primeiro degrau dessa acção que conduz ao Amor Universal, ao amor de todos os homens, sem distincção de origem, nem de crenças; entre estes dois termos, digo, de nossa marcha afetiva, acha-se a Pátria, constituída por uma reunião de famílias ligadas pelas mesmas tradições, pelos mesmos interesses, pelas mesmas aspirações.

A Pátria apresenta-se como um grupamento político, caracterizado pela comunidade de governo e pela série de fatalidades cosmológicas e sociais que a limitão a uma porção determinada do planeta humano.

Este ente coletivo, intermediário entre a Família e a Humanidade, oferecendo, como estes dois grupos extremos, uma natureza homogênea com o indivíduo, torna-se suscetível de ser objeto de nosso amor, de nosso culto.

¿Quem ignóra as maravilhas operadas pelo patriotismo, quem não sabe a pujança indomável do sentimento cívico, irrompendo, nas horas solenes dos povos, contra as barreiras que o comprimem?

Mas esta admirável propriedade do coração humano, que nos leva a sacrificar todos os interesses nas aras do amor pátrio, carêce de cultivo e direção como todas as manifestações funcionais de nosso organismo.

Cumpre instituir para cada pátria um sistema de comemorações que periódicamente congracem e estimulem os cidadãos, sob o influxo das recordações gloriózas e dos serviços realizados pelas gerações precedentes.

A base de um tal sistema fornece-a a data que recórda o acontecimento mais característico da evolução de cada nacionalidade.

Para nós, americanos, a data que concretiza a nossa constituição como pátrias distintas, é a que lembra a separação definitiva das metrópoles.

Para o Brazil, porem, semelhante problema encontra-se atualmente uma grande dificuldade: as divergências que surgem quando se procura estabelecer a data gloriôza de nossa história.

Nâcem semelhantes divergências da fatalidade histórica política que ligou o fato de nossa Independência, a constituição definitiva da Pátria Brasileira, ao estabelecimento da monarquia entre nós.

Os espiritos revolucionários, ainda não divorciados do absoluto, na impossibilidade de conciliarem as exigências de cada época e de cada situação, rejeitam semelhante data e insurgem-se contra o Passado — a mais improficua das insurreições!

CONCIDADÃOS!

Nós, positivistas, não sentimos nenhuma dificuldade em conciliar esse passado com as nossas aspirações republicanas.

O espirito relativo e científico que caracteriza a nossa doutrina explica-nos porque a independência nacional se fez com o auxílio de um príncipe ambicioso, que pôs o prestígio de seu nome e de sua jerarquia ao serviço dos planos dos diretores do movimento fatal, irrezistível, que determinou a nossa emancipação de Portugal.

A monarquia brasileira apparece-nos então como um acidente secundário, transitório, instrumento nas mãos dos patriotas, e, sem esquecer os seus efeitos provizórios, separamos este acidente do grande fato, cuja evidencia está apegar-nos com a sua luz, a separação definitiva, irrevogável, da antiga colônia, para constituir-se em uma pátria distinta, evoluindo sob o seu próprio impulso.

O 7 de Setembro não recôrda para nós a fundação do império brasileiro como monarquia; mas ele nos lembra

a formulação definitiva de nossa emancipação estérna, resumida naquella diviza que, qualquér que seja o seu autor, povo ou príncipe, esprimia as emoções desse momento solene da vida brasileira:

Independência ou morte!

Nós reclamamos ésta data memorável, como uma data nacional, sem ligações fatais a uma circunstância accessória de fórma de governo, que, si hoje nos divide tanto, é só porque a maioria dos que sentem que chegamos ao momento histórico de ir operando a sua substituição evolutiva ainda não abraçárão as doutrinas regeneradoras do Positivismo, que transformão uma aspiração revolucionária em uma convicção científica.

Firmemos, sim, o alvo de nossas aspirações republicanas, mas voltemo-nos para o Passado, sem ódios, sem as paixões efêmeras do Presente, e, evocando a imagem sagrada da Pátria, agradeçamos às gerações que nos precedêrão a feitura desta mesma Pátria e prometamos servi-la com a mesma dedicação, embóra com as idéias e as crenças de nosso tempo.

Recordemos, pois, neste momento, os trabalhos das gerações anteriores que se sucedêrão sobre este sólo abençoado. Mas, antes de tudo, como filhos emancipados, mas agradecidos e veneradores, voltemo-nos para a heróica nação de que decendemos e que transplantou para este canto da América os elementos da civilização occidental.

Não separemos desta comemoração as valentes tribus fetichistas, vítimas sacrificadas à anarquia dos séculos em que os nossos antepassados europeus descobrirão e colonizárão a terra brasileira.

Façamos votos de reparar os erros de nossos pais, empregando todos os esforços para trazer os atuais decendentes

dos nossos selvícolas ao seio da comunhão brasileira, assimilando-os pelo amor e pela ciência à coletividade que se formou no sólo conquistado sobre os seus maiores.

Não esqueçamos também de comemorar os serviços da outra raça fetichista, injustamente escravizada, e à qual devemos as fontes de nossa riqueza material.

Que o crime dos nossos antepassados seja em breve resgatado pela extinção do doloroso régimen que fêsescravos os colaboradores de nosso trabalho, os auxiliares de nosso desenvolvimento industrial.

Recordemos, cidadãos, as diversas fazes de nossa evolução nacional, os gloriózos defensores das tradições meridionais contra os povos protestantes da Holanda, aos quais devemos a conservação entre nós dos antecedentes católicos-feudais.

Saudemos neste momento as almas generózas que primeiro sonhãrão com o Brazil livre e independente!

Salve! Herói santificado pelo martírio, precursor gloriozo de nossa independência, imortal Tiradentes!

O teu ezemplo nos recordará sempre a força magnánima de um coração patriótico na dedicação cívica, na corágem que não néga o pensamento que o condena, mas que o afirma diante do cadafalso.

O teu sangue regou as primeiras sementes que o vendaval revolucionário arrojara aos campos fecundos de nossa Pátria!

Salve! Sonhador heróico, poeta denodado, os teus filhos livres hoje te saúdão e te glorificão!

Saudemos também os patriótas que em 1817 levantãrão de novo o grito emancipador e consagrãrão mais uma vês com o martírio a cauza da liberdade nacional!

Finalmente, cidadãos, glorifiquemos os realizadores efetivos do movimento iniciado por éssa série de heróis que precederãrão a geração de 1822.

Saudemos principalmente o eminente estadista que organizou a nossa separação definitiva da metrópole: a história científica justificará o seu patriotismo esclarecido e prudente, que o levou a servir-se das ambições de um príncipe para obter sem grande abalo exterior, e sem dilaceramentos intestinos, o desfecho final da luta.

Si não tivemos a espada glorióza de um Bolívar, orgulhemo-nos de haver tido a calma refletida do estadista, estimulado pelas inspirações do patriotismo e ao serviço da mais nóbre das causas.

Saudemos, pois, neste dia, a Jozé Bonifácio, cujo nome, mau grado os ódios revolucionários, ficará para sempre indelévelmente gravado na primeira página de nossa história.

Glorifiquemos, neste momento, todas as forças, grandes e pequenas, todos os corações generózos, todos os espíritos alevantados que cooperarão na elaboração e constituição definitiva da Pátria Brasileira.

Instituamos a religião do Civismo!

Depois do discurso do Sr. R. Teixeira Mendes, o Presidente encerrou a sessão com o brado:

Viva a Nação Brasileira!



A PORTUGAL

E

**Aos defensores da integridade católica do Brazil contra a invasão
holandesa.**

ÀS MEMÓRIAS DE

JOAQUIM JOZÉ DA SILVA XAVIER

OS MÁRTIRES DE 1817

JOZÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

**Aos que concorrerão para manter a integridade pátria
e as aspirações liberais**

E

Aos fetichistas incorporados à nossa nacionalidade.

ÀS MEMÓRIAS

DE

MEU PAI

Meu primeiro exemplo de serviço à Pátria pela ciência e a indústria.

A. TEÓFILO DE C. LEAL

O mais honrado dos corações masculinos e o mais ardente
abolcionista que tenho conhecido.

FRANCISCO JOSÉ FURTADO

O espírito mais livre e o maior patriota com quem convivi.

ANTONIO GONÇALVES DIAS

O cantor dos fetichistas brasileiros, o poeta de minha infância.

AO DIGNO SACERDÓTE

que concorreu para que eu mantivésse a cultura moral na minha fase
revolucionária.

AO DR. BENJAMIN CONSTANT

Quem primeiro conduziu-me a meditar as obras de Augusto Comte. *

A MIGUEL LEMOS

Quem diretamente influuiu para a minha conversão à Religião da Humanidade
e justa apreciação do papel político de José Bonifácio.

* V. o opúsculo que publicámos com o Sr. Miguel Lemos: *A nossa
iniciação no Positivismo.*

A PÁTRIA BRAZILEIRA

I. — CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Jamais se ha de apreciar o verdadeiro espectáculo histórico sem profunda veneration para com o conjunto do passado humano.

Politica Positiva, III, pg. 96.

Ezultemos, cidadãos! Ezultemos ante a sublimidade dos sacrificios e a grandeza dos cometimentos que nos recorda esta data solene. Ezilemos de nossos corações reverentes as sugestões desse egoismo sacrilego com que a anarquia democrática tem esterilizado os grandes germens de nossa evolução nacional. No recolhimento de uma gratidão fundamente sentida, comemoremos os esforços desses heróis que fôrão nossos pais; celebremos os seus triunfos, meditemos os seus revêzes, implorando ao ezemplo deles a nórma de nossas virtudes cívicas.

É a contemplação dessas vitórias que nos ha de revelar as maravilhas da atividade, quando a incita a veemência do sentimento patriótico. É a fatalidade desses revêzes que constitú a demonstração cruelmente irrefutável da insuficiencia dos mais generôzos impulsos, quando lhes falta a indicação positiva dos meios.

Solicitada em direções encontradas pelos reclamos incessantes do coração e as imposições iniludíveis do mundo estérno, a vida humana tende invariavelmente para o estabelecimento dessa rezultante que se denomina—*a pás universal*. Mas como alcança-la sem tremendas vacilações? Como construí-la sem as tentativas ouzadas dos mais elevados estímulos; sem a tenacidade ingênua desses impulsos

que, na fraze do poeta da IMITACÃO, não sabem modo, mas se aferrôrão sobre todo modo? E como não succumbir nesse caminhar incérto, baldo de guia e de rumo, afoito da temeridade que é o apanágio das paixões nóbres, quando as gerações precipitávão-se confiadas em busca do ideal que parecia fugir-lhes a cada instante? Caíão, portanto. Ao desvanecer-se, porem, de cada última illusão, resurgia sempre a Humanidade aureolada de nóvos raios, banhando em luz cada vês mais viva os triúmfos prodigiôzos de seu passado e a imensidade insondável de seu porvir.

Hoje nos deslúmbraão esses esplendores quando pretendemos fitá-los, sem velar a fraqueza de nóssa intelligência com a humilde suavidade de uma veneração reconhecida; e então, ralados pelo orgulho, prorompemos em blasfemas imprecações que ainda mais endurecem o coração e tortúrão o entendimento.

Não são esses desesperos de réprobos que hão de alentar-nos; não são éssas vizões lúgubres que hão de romper aos nóssos ólhos as magnificências futuras da Pátria. Reúnidos em nome da Humanidade para celebrar a construção da nacionalidade brasileira; agremiados sob o influxo de uma religião que aceitou a herança de todos os povos, que reconhéce um crente onde quer que o amor inspira o dezerésse, cada um de nós déve contemplar as gerações que nos precedêrão com a carinhóza veneração de filhos que recórdão os extremos do coração matérno. Nesses extremos havemos de colher os ensinamentos de nóssa conduta política; hão de eles cimentar a convergência de nóssos esforços, e inspirar-nos a consagração permanente de nóssa vida a preparar a felicidade das gerações pósteras, desenvolvendo os gérmenes lançados pelas gerações donde proviemos.

Sim! que o *progrêso é o desenvolvimento da ordem*; que tudo quanto possuimos e de quanto nos ufanamos é o resultado desses labores que maldis a ingratição revolucionária. Fôrão as valorózas audácias de nóssos pais em meio dos perigos de todo género que os assaltávão; foi a indomável tenacidade que eles soubêrão opor às esquivanças de um meio que só difficilmente lhes patenteava as opulências de seus tezouros; foi a surpreendente heroicidade de uma rezignação que o sofrimento aumentava de dia em dia; foi éssa corágem, foi éssa rezignação, foi éssa firmeza, que dêrão à nóssa alma a energia de enfrentar

hoje, sem temores nem esperanças de além-túmulo, com os abismos da real situação humana. Forão eles que acenderão em nossos corações essa aspiração insaciável por tudo quanto é grande; essa ezecação para tudo quanto é injusto; esse culto cada vês mais vasto e cada vês mais intenso pelo cumprimento do *dever* livremente aceito.

Cégos e ingratos que somos! Escandalizamo-nos de seus erros, sem lembrar-nos que deles herdámos o delicado sentir que só permite os nossos assomos indignados, a lucidês intelectual que só nos proporciona o conhecimento de suas quedas inevitáveis! Oh! Quão tremenda houvéra de ser a sentença da posteridade si a mesma cólera implacável viesse a julgar os cataclismas das gerações de hoje!

Esses filhos—renegados como nós—havíão de pedir -nos contas sevéras das riquezas humanas malbaratadas, e dos tezueros pródigoamente arrancados ao seio da Terra na vertiginóza eubíça de um industrialismo corruptor. Havíão de esprobar-nos a detestável incoerência com que proclamamos a necessidade das indicações científicas para a conduta, e cerramos a inteligência, e decidimos e praticamos como se forão tudo vociferações delirantes. Havíão finalmente de lançar-nos em rosto essa vorágem cavada entre a vida privada e a vida pública, para justificação prévia de nossos desmandos; esse contraste revoltante entre a arrogância de nossas condenações à moralidade do passado, e a contínua vacilação de nossa ezistência, joguete de todas as paixões ruins!

Em bem, que não ha de ser com essa crueza iníqua que as gerações vindouras hao de pezar-nos! Em bem, que os atos hao de resgatar as blasfêmias com que nodoámos a nossa submissão ao conjunto do passado humano! O conhecimento das leis naturais que régem a evolução social ha de brotar-lhes nos corações esse sentimento de humilde veneração com que os positivistas brasileiros evôção hoje as sombras de nossos maióres; e abrir-lhes a inteligência à compreensão ezata da imensa crise por que passa a sociedade moderna. E então, o anátéma será o esquecimento de nossos erros, e as bênçãos a proclamação de nossa continuidade com as gerações anteriores.

Pois bem, marchemos ao encontro desse juízo e déssas bênçãos; tréguas aos ódios partidários que nos dilacêrão; olvido para as divergências e para as lutas que

nos separão da glorióza geração de 22; econvirjamos a universalidade de nossos esforços no alevantamento da grandeza imorredora da pátria que nos legarão.

Mas aqui sũrgem as dificuldades; porque a cooperação efetiva supõe a determinação ezata dos fins a atingir, e a formulação positiva dos meios; isto é, supõe uma doutrina que esclareça os sentimentos e que guie seguramente a atividade para o destino que o coração lhe traçar.

¿E porventura éssa aspiração vaga pela grandeza futura de nossa Pátria constitú um objetivo determinado? ¿Não é sempre em nome dèssa grandeza que são lavradas as rezoluções de nossos governos? E a doutrina aferidora, ¿como encontrá-la no meio das inspirações individuais que o revolucionarismo proclama, e das crenças teológicas que se desprestigiam de mais em mais? ¿Onde os programas dos partidos que entre si dispũtam a suprema direção do Estado? Em vês de princípios definidos, sũrgem as individualidades; a élas se apégam todos como o náufrago entréga a vida à sorte do primeiro destroço que lhe arrojou a tormenta.

E no entanto, em meio dèssa anarquia em que se debate a sociedade brazileira, ha alguma coisa superior a todas as divergências intellectuais e a todos os disentimentos partidários; porque emanamos da mesma origem e nos dirigimos para um destino comum. Esse fundo inalterável de grandes impulsos tradus-se na uniformidade de nossa língua, proclamando a filiação da pátria brazileira ao berço de todas as virtudes cívicas por intermédio da raça que foi a depositária das conquistas morais dos tempos mediévos. Éssa língua significa coração abérto para os sentimentos mais generózos da natureza humana; caráter formado para os cometimentos os mais agigantados; intelligência talhada para a pronta assimilação da verdadeira sciência,—aquéla que rasga nòvos horizontes à atividade do hòmem, sem estreitar a esféra do coração feminino.

Os desregramentos industrialistas pudêrão sem dũvida toldar um dia éssa intelligência e embotar esse sentimento, quando o Catholicismo em decadência tornou-se o instrumento da oppressão dos fortes contra os fracos, sancionando o mais nefando dos crimes occidentais. Ainda nos tortũrão os remórsos dèssa iniquidade e nos macula a infâmia de tamanha perversão; mas o afan com que nos empenhamos na reparação do monstrozo atentado, confundindo o brado

aboliconista com os primeiros clamores da independência, patentéiam a violência que então se fêz aos escrúpulos do coração meridional. É que ao alvorecer da grande era de comoções decizivas, a consciência peninsular expandiu-se; e os sentimentos generózos, irrompendo do invólucro em que o mercantilismo colonial parecia havê-los sepultado para sempre, viêrão atestar que não se achava ezausta a seiva fecunda da civilização católico-feudal.

Foi sobre o fundo social e moral dêssa pujante civilização que se superpuzêrão anárquicamente os outros elementos da constituição moderna, dando em rezultado o movimento geral de libertação que trabalha a sociedade ocidental, e de que foi um cazo a constituição da nacionalidade brasileira.

Tal é o alcance sociológico da data que celebramos. Éla marca a ruptura de um laço que se transformara em jugo pelo aniquilamento definitivo do poder teológico, e constitúi para nós o primeiro elo das liberdades que são o alvo dos corações bem nacidos e dos espiritos emancipados. Liberdade de todos os povos pela supressão da guerra e o estabelecimento do regímen industrial; liberdade de todos os homens pela supressão dos privilégios e unânime participação nas conquistas da Humanidade. Isto significa: o amor inutilizando o interêsse; a persuazão e a convicção substituindo o mando; o dever anistiando a obrigação servil de outras éras; pelo livre congraçamento de todas as nações, pela cooperação cívica de todas as famílias, pela moralidade de todas as almas verdadeiramente humanas.

Eis aí, cidadãos, os impulsos hereditários que nos dominão consiente ou inconsientemente, pouco impórta: eis aí os germens de tudo quanto temos realizado de grande e de justo, mau grado as devastações da anarquia revolucionária quâzi seis vezes secular. É esse o fundo comum de qualidades e aspirações nacionais para o qual apêlão espleíta ou implicitamente os chéfes polticos na justificação de sua conduta e na propaganda das doutrinas teológicas e metafizicas com que até hoje se tem agitado a opinião brasileira. E já que porventura se tem attribuído à indifferença por élas os dezastres morais e políticos de nôssa sociedade, ezaminemos de uma vês por todas o valor de semelhantes queixas. Comecemos por notar que, si a esperiência é o supremo juís da validade de nôssas concepções, o aferidor incontestável da oportunidade de todas as teorias,

esses dógmas—que só têm conduzido o Ocidente à negação prática das liberdades que almejamos e à supremacia das violências que detestamos,—dévem estar condenados na consciência nacional. Não se pode manter a civilização mediéva, que foi o apogeu da constituição teológica; não se pode manter a primeira república franceza, que foi democrática; e nós assistimos em nóssa Pátria as agonias do regimen monárquico constitucional—éssa fuzão monstruóza do direito divino dos reis com o direito também divino dos povos.

Mas nada ha aí que surpreenda: quando se penétra no âmago déssas instituições verifica-se que os dezastrés forão a consequência inevitável da incapacidade das doutrinas, e o bem que porventura produzirão momentaneamente resultou só da ecelência dos homens que manejarão tais dógmas. Sinão, vejamos.

A condição indispensável para um regimen livre é que cada um seja suscetível de prestar espontaneamente o seu concurso à existência social. Ora, semelhante contribuição supõe: 1º, conhecimento individual do módo por que se ha de concorrer para a existência comum; 2º, amor social bastante desenvolvido para ezeutar a missão que a intelligência nos houver indicado, sem temores degradantes, nem esperanças vis. Tudo isto se rezume numa única fraze; o regimen livre ezige o predomínio contínuo do sentimento moral,—o dever,—esse rezumo supremo das funções mais elevadas do cérebro humano, quando a intelligência desvenda o sacrificio, e o amor nos precipita valorózos ao encontro dele. E o sacrificio, cidadãos, quér dizer a compressão de nóssó egoísmo sob qualquér de suas múltiplas fórmás, por assim o ezígre a Família, a Pátria ou a Humanidade.

Pois bem, a teologia que néga a existência fundamental dos instintos simpáticos; que fás da salvação individual pela conquista do Céu o objéto contínuo da existência humana; que só tem palavras de desprezo para a Terra—a mãe carinhóza em cujo seio se transfórma os réstos dos que morrerão na florecência e grandeza dos que hao de viver um dia;—¿a teologia póde porventura elevar-se à compreensão real do *dever*? ¿Uma doutrina incapás de impor-se pela demonstração, em contradicção manifésta com os fatos positivos, póde reger a sociedade indefinidamente sem violências nem hipocerizias?

E o dógma revolucionário, essa afirmação da vontade do povo, como lei suprema do Estado; que proclama a prepotência do número, em contraposição da arbitrariedade divina; que condus a opressão das massas como substitutivo do despotismo dos reis; esse dógma que fás da *consciência individual* o juiz inviolável e sagrado do bem e do mal, e nos deixa entrégues ao val-vem de todas as paixões; que dezencadeia sistematicamente o interêsse e a ambição; ¿esse dógma poderá levar-nos a um regimem sem opressão, em que cada um cumpra espontaneamente os deveres exigidos pela situação social? ¿Porventura o número pôde indicar-nos esses deveres? e a consciência não oferece todos os matizes, desde a perversão de Robespierre e Bonaparte até a sublimidade excepcional dos santos em todos os tempos e em todos os lugares? ¿Como, pois, entregar ao número, que até hoje não descobriu uma única lei positiva; que até hoje não inventou um único dos aparelhos industriais em que assenta a vida social e moral do hómem; como confiar-lhe a missão por ecclência de traçar-nos a conduta cívica na mais difficil das situações políticas, o procedimento moral na mais complicada das épocas, quando as relações de cada hómem o ligão a todos os hómens esparsos pelo Planeta? Oh! a política e a moral da democracia! A política do esterminio dos povos, primeiros possuidores das térras em que mais tarde se foi ela assentar; a política da exploração dos fracos pelos fortes, a pretexto da liberdade e do engrandecimento industrial! A moral que proclama a auzência de todos os laços, a satisfação de todos os egoismos, a pretexto da liberdade intelectual e dos direitos imprescritiveis do individuo infalivel! ¿Como tudo isto é monstruozo, cidadãos!

O Catholicismo formulou o principio de que o hómem éra naturalmente mau e todo bem vinha de Deus; mas o amor social dos grandes hómens que applicarão similhante dógma corrigiu-lhe os inconvenientes morais e políticos, indicando na oração os meios de obter a graça divina, e fazendo da compressão do egoismo a condição de mais ampla satisfação por vir desse mesmo egoismo, pela conquista da etérna bemaventurança. Em nome do interêsse póstumo, esses varões eminentes instituirão a purificação, porventura ecessiva, mas salutar quãzi sempre, das paixões inferiores de nossa alma; e determinarão a expansão continua dos attributos superiores do coração

humano, levada por vezes aos limites do mais puro devo-
tamento.

¿E o que fizêrão os doutores revolucionários? Substituirão a *graça*, — essa disposição para o bem, que só a pureza e a dedicação permitião adquirir, — pela *consiência*, a sibila infalível que se contórce no fundo de nóssa alma, desde o berço até a sepultura; mas cujos oráculos adáptão-se fácilmente às solicitações de todos os desejos, como o demonstra a esperiência quotidiana. Fôrão esses doutores que sistematizárão a ruptura do laço conjugal pela instituição do divórcio; são eles que hoje erigem em princípio o abandono da mulhêr, abrindo-lhe a vida industrial, a pretexto de uma independência que só traria o aviltamento de nóssa espécie.

¿Mas para que insistir, si cada um de vós pôde contemplar em torno de si a justificação de todos os desmandos pela consiência, ajudada dos sofismas de um espiritalismo complacente, ou de um materialismo degradante? Oh! bem sabemos que, para honra da espécie humana, mais de um coração se levanta, superior às conseqüências de similhante doutrina. Mas isso é ainda um elemento de condenação para ella; porque o dógma dêve pairar acima das individualidades, por mais eminentes que sêjão; dêve apresentar a grandes e pequenos soluções positivas para os momentos decizivos da ezistência, e não involver-nos nesse misto de trévas e luzes em que se gêrão fantasmas sem deziluzões possíveis, e se perpérrão crimes ao abrigo de todos os remórsos.

Êrão, portanto, de prever as conseqüências funestas de que foi vítima o Ocidente pelo esgotamento do regimen teológico e a acensão da doutrina revolucionária sob qualquér de suas fórmas — democracia pura, ou monarquia constitucional. Mas o que não pudêrão ambas realizar; o que foi impossível a Deus na fórma teológica do regimen católico-feudal e na incarnação metafizica do constitucionalismo, fá-lo a Humanidade. Criando a *siência* e a *arte*, os nóssos antepassados construirão um dógma superior a todas as vacilações individuais; e sobre esse dógma baseárão o aperfeiçoamento de nóssa situação pela *indústria*, e o nóssio próprio engrandecimento moral pela *educação* positiva. É no concurso desses elementos que haveis de encontrar a solução, ha tantos séculos esperada, da *pás universal*, — a sintheze de todas as aspirações humanas.

Ouvi.

II. — APRECIACÃO DA EPOCA NORMAL

Ordem e Progréssô.
Viver à lus do dia.
Viver para óutrem.
Dedicação dos fôrtes aos fracos, e veneração
dos fracos para com os fôrtes.

A *siência* não indaga a origem primária das coizas; toma para ponto de partida fatos unanimemente reconhecidos e obsérva as relações constantes que eles apresentão no espaço e no tempo. Por esse meio prevê os acontecimentos futuros, e desvenda os que se estão realizando, mas que passarão despercebidos à indagação diréta. E a previzão racional déve ser verificada pelos sentidos, mediata ou imediatamente.

Seja qual for o objéto de similhante investigação, —quér se trate de fixar a lei que prende a altura da quêda de um corpo ao tempo decorrido, quér se intente a pesquisa dos attributos intellectuais e morais do hómem,—a marcha tem sido a mesma. E o rezultado invariável foi o descobrimento de uma dispozição constante nos fenômenos, superior a toda intervenção humana, inaccessible às emoções da súplica, imperturbável mau grado as ameaças do desespero. ¿Quem revelou essa ordem? a observação dos fôrtes espíritos de nossa espécie; ¿quem a construiu? ninguém sabe. Eziste: pôde ser verificada por todos os hómens. Eis tudo!

Foi na Grécia que surgiu o ezame do arranjo universal, em pleno domínio do politeísmo, sete séculos antes de S. Paulo. Thales e Pitágoras,—os fundadores da filozofia helênica,—fôrão tambem os seus iniciadores, assinalando as primeiras leis geométricas. Seus sucessores continuarão a elaboração científica até que o maior dentre eles, o incomparável Aristóteles, esboça o conjunto do saber positivo. Então a *siência* destaca-se do tronco filozófico e proségue izolada a própria evolução. Eudóxio de Cnido fórma o elo entre os filzófos sábios, e os sábios especialistas, cujo mais eminente representante, Arquimédes, lança as bases da

lógica transcendente e da mecânica geral. Um século depois, Hiparco constituiu definitivamente a astronomia abstrata que o próprio Eudóxio havia fundado. A conquista romana espalha pelo mundo os frutos da evolução grega. Mas o descalabro do Olimpo, deixando sem direção moral o vasto colosso, fás em breve convergir para a regeneração humana as inteligências e os corações religiosos. A escola de Alexandria despêde nesse momento os últimos lampejos. A ciência pareceu sustar os passos triunfantes; assistiu impassível o embate dos monoteísmos na Európa; e esperou que houvessem concluído ambos a sua missão social. Nessa época, trazida pelo crecente de Maomé, como outr'óra nas águias do Capitólio, éla penetra de novo no seio do Ocidente. *

Enquanto os XIV e XV séculos trabalham surdamente no esfacelamento do régimen católico-feudal, formando as ditaduras monárquicas e levantando as igrejas nacionais, a álgebra se constituiu e se espalha. No XVI século Viète, completado em breve por Harriot, leva-a aos limites de sua cultura isolada; e Copérnico prepara a plena emancipação da razão coletiva, inventando o verdadeiro sistema do mundo. Ao mesmo tempo o protestantismo organizava as discussões anteriores e torturava o cérebro humano com a decifração estéril da Bíblia!

Galileu abre o século seguinte com a demonstração do movimento da Terra, e lança os fundamentos da física com Torricelli e Pascal; Kepler codifica a legislação planetária; Bacon abrange na investigação positiva os estudos sociais e morais; Descartes completa esta elaboração lógica e cria a filosofia matemática pela fusão da álgebra com a geometria, como aplicação do método universal. O século se encerra com a conclusão do monumento carteziano por Leibnitz, e o resumo das leis de Kepler por Newton.

E o revolucionarismo a proseguir sempre na sua demolição sistemática, sobressaltando os espíritos e os corações com o desmoronamento da ordem antiga, e sem deixar perceber a evolução construtora que se operava a seu lado. No entanto o caráter eminentemente orgânico da ciência já se patenteava na inconcussa estabilidade de seus dógmas. Apesar da retratação teológica, a fé positiva invadira a totalidade dos espíritos ocidentais; estabelecera um laço

* Vide os *Grandes Tipos da Humanidade*, por P. Lafitte.

insuperável no momento em que a metafísica proclamava a insubordinação da razão individual; e firmava a supremacia dos homens de ciência no apogeu mesmo do aniquilamento da velha autoridade religiôza.

Fontenelle liga o XVII ao XVIII século. A escola de Diderot e de Hume coleciona então os materiais para edificação da sociologia e da ética positiva: Lavoisier constrói a química; G. Leroy demonstra a homogeneidade da organização moral e intelectual do homem e dos animais superiores; Condorcet esboça o quadro dos progressos do espírito humano, no mais agitado da tormenta; e Cabanis prepara a teoria das relações entre o físico e o moral do homem, justamente quando se consuma a tremenda catástrofe. O mundo antigo acabava de dezabar, antes que a ciência houvesse concluído o ciclo de sua grandiosa evolução; e o teologismo democrático, galgando a suprema direção política na pessoa de Robespierre, prepara o advento de Bonaparte.

O bandido penétra facinado no terrível cenário; profana as vítimas; arranca-lhes as insígnias; decóra-se com os faustos da realeza e envólve-se no manto gloriozo de Cézár. Depois arreja com os ouropéis dos nóbres os chefes da soldadesca; cõbre com os andrajos sacerdotais as múmias do cléro envelhecido; dilacéra finalmente a túnica immaculada dos enciclopedistas, e distribuí os farrapos pelos pretorianos da ciência. Passada a estupefação do primeiro instante, os reis colgão-se; encarcéram em Santa Helena o comediante cruel; consérvão, porem, o arcabouço nefando em que ele amalgamara todos os elementos da retrogradação.

Embóra! a evolução construtora não pára. Enquanto o academicismo oficial ensaia a conciliação monstruôza da ciência e da Bíblia, e forceja por anular o decreto suicida lavrado pelos teólogos na sentença de Galileu, Bichat funda a espição científica da vida, que Broussais devia completar mais tarde; Gall formula uma teoria positiva da alma, erigindo o cérebro em órgão supremo dos atributos nóbres. Por seu lado, os grandes pensadores da Restauração, resumidos em De-Maistre, demônstrão a irracionalidade da doutrina revolucionária e esbõção a espição definitiva da idade-média. Néstas condições surge Augusto Comte; condensa em si os labores das gerações anteriores; constrói a ciência social; funda a moral; e espõe pela pri-

meira e única vê a explicação positiva do mundo, da sociedade e do homem. A turba dos interessados na persistência da situação que Bonaparte sistematizara, — e que tem sido fundamentalmente mantida por todos os governos. — sobressalta-se, amotina-se; tenta debalde embargar a prodigiosa construção pelo silêncio e pela fome, pela calúnia e pela dezerção. Os discípulos grúpão-se em torno do mártir; resguárdão-lhe a vida e a honra dos assaltos das mediocridades pedantocráticas; e quando ele transpõe a immortalidade, P. Laffitte aceita a difficilima sucessão de sua gloriôza existência. Estava concluída a redenção humana!

Eis aí em largos traços a evolução em meio da qual se construiu o dógma científico. Constituído pelo conjunto de leis que régem todos os fenômenos, ele é suscetível de impor-se a todos os espíritos, porque é a continuação do bom-senso vulgar, isto é, a sistematização dos conhecimentos obtidos pela observação comum. A história basta para atestar o seu irresistível acedente, pela unânime aceitação que vai adquirindo sem violências e mau grado todas as oposições. É o que demonstra ezuberantemente o dógma do movimento da Terra.

O resultado prático é que fica assim traçado um limite à nossa atividade, fóra do qual seria quimérica toda esperança de intervenção, e toda modificabilidade; mas em cujo âmbito pôdem elevar-se seguramente os melhoramentos que permitem o cabal dezenvolvimento moral de nossa espécie.

A consequência social é que fica assim construída uma doutrina suscetível de universalidade, apta a estender-se a todos os povos da Terra pela ação escluziva de uma propaganda pacífica. Isto significa a possibilidade de constituir-se uma *opinião pública* que nada será capás de desviar nem corromper, e que desde então poderá tornar-se o juiz do procedimento de grandes e pequenos.

Maióres, porém, são os resultados morais da construção do dógma científico. Com efeito, dele resulta que o homem e os animais superiores possuem os mesmos órgãos, e que a única diferença consiste na maior ou menor intensidade de cada um destes nos vários indivíduos; e demais, conforme a demonstração de G. Leroy e Gall, os animais não só possuem instintos egoístas, mas ainda são dotados de paixões altruístas, o apego, a veneração, e a bondade. Desde então o sentimento do *dever* nos léva a respeitar não

só os povos de civilização inferior, mas ainda os próprios animais, procurando elevá-los até o nível moral, intelectual e prático a que houvermos atingido, e não aniquilando-os sistematicamente a pretexto de uma inferioridade incorrigível. Suprimem-se, portanto, os ódios nacionais e os preconceitos de raça, que só podem aproveitar aos que esplôrao a espécie humana para satisfação do egoísmo, pessoal ou nacional, pouco impôrta.

A elaboração científica não resume porem o destino social da intelligência; acima da atividade está o sentimento que lhe dá o impulso, e que não basta esclarecer, é necessário ezaltar tambem. Tal é o fim da *arte*.

A *siência* desvenda ao coração os entes que devemos servir, mas é a *arte* que nos revêla todo o encanto e todas as delicias da dedicação, pondo em relevo as qualidades eminentes que os atributos inferiores poderião velar. Ambas reprezêntao a existência real; mas a minuciozidade científica tórna difficil a justa apreciação do aspêto afetivo dos entes que adoramos. A arte, pelo contrário, abstrai tanto quanto possível das imagens capazes de incitar os instintos egoístas, e só combina os elementos succetíveis de provocar emoções dezinteressadas. É nisto que consiste a idealização verdadeiramente artística; a idealização de Homéro, Sófocles, Virgílio, Dante, Shakespeare, Calderon, Cervantes, Kempis, Tasso, Camões, Walter Scott, Corneille, Molière, Rafael, Miguel Angelo, Mozart, e tantos outros.

Em nossos dias, porem, uma escola perversa inverteu o destino da *abstração afetiva*, realçando o aspêto egoísta dos fenômenos inferiores e amesquinhando tudo quanto é succetível de ezaltar os bons estímulos da natureza humana. E essa monstruozidade chamou-se indevidamente o *realismo*! Indevidamente; porque, si é real a existência de atos que só podem incitar as paixões ruins, é real tambem a existência de fenômenos que só comóvem os sentimentos nobres. ; Onde, portanto, o fundamento de attribuir-se realidade aos primeiros, com escluzão sistemática dos últimos?

O que é verdade é que esses espíritos fazem convergir a *abstração estética* para o mesmo aniquilamento moral a que os académicos já haviam conduzido a *abstração científica*. Os universitários pervêrtem assim o coração dos chefes, enquanto os corifeus do realismo corrômpem o senso

moral das populações. Similhantes degradações não de porem desaparecer no dia em que uma opinião pública fortemente constituída fizer voltar a arte ao sublinhe destino que lhe assinala a evolução humana.

A *indústria* tem por objéto a modificação de nóssa situação material, como baze indispensável de nóssó amplo desenvolvimento moral. Éssa operação consiste em: 1º, acumular e distribuir as substâncias alimentícias de módo a tornar a nutrição sólda tão fácil como a nutrição aquóza ou aérea; — 2º, modificar a superfície do planeta; transformar as produções naturais e difundi-las assim elaboradas, tendo sempre em vista as ezigências morais e sociais, — habitação, vestuário, culto e comunicação; — 3º, fabricar os instrumentos destinados a facilitar esse duplo *desideratum*, o que se realizou pela invenção das máquinas e criação da móda. É esse conjunto de produtos da ação real e útil do hómem sobre o mundo exterior que se denomina o *capital*.

A sua formação rezulta de duas leis descubertas por Augusto Comte: 1ª, que cada hómem produs mais do que consome; 2ª, que os materiais produzidos pôdem ser conservados alem do tempo necessário para sua renovação. Daí as duas funções industriais: *produção e conservação*, completada ésta pela *circulação* que ezige o destino social e moral da riqueza humana. A segunda se tórna cada vês mais importante, porque a soma trazida pela produção é de mais em mais insignificante, quando se compara ao capital já acumulado pelos esforços das gerações passadas. Éssas duas funções ezigem órgãos especiais e determinão a divizão da sociedade em *proletariado*, isto é, *trabalhadores*, e *patriciado*, isto é, *administradores* do capital humano; e, por outro lado, a natureza desse *capital* e as necessidades de sua distribuição social e moral decompõem o elemento industrial em quatro classes. Na baze os produtores e conservadores dos alimentos—*agricultores*;— acima os produtores e conservadores dos instrumentos de trabalho—*fabricantes*;—lôgo após os agentes da circulação diréta dos produtos—*negociantes*;—e dominando a todos, os órgãos da circulação indiréta—os *banqueiros*.

Tal é a constituição normal da indústria humana; mas éssa constituição ezigiu, como a siéncia, o esforço contínuo das gerações que nos precedêrão. O seu berço occidental foi a *escravidão* dos póvos vencidos durante o

período militar de nossa evolução. Desde, porém, que a assimilação romana pôs termo à conquista, fazendo surgir o problema da *pás universal*, a dignidade industrial se foi levantando. O servo da gleba substituiu-se ao escravo, e em breve a sua emancipação foi completa, graças ao cultivo dos sentimentos humanitários pela civilização católico-feudal. O resultado foi a pronta separação dos industriais em trabalhadores e empreiteiros desde os fins do XIII século, e a constituição das *comunas*, cuja ascensão deu em resultado o aniquilamento do regime mediévo. Enquanto se operava esse trabalho de desmoronamento, surgiam sucessivamente os comerciantes e banqueiros, que vierão trazer ao regime moderno os últimos elementos de sua organização prática.

Mas tudo isso operou-se anárquicamente em meio das mais violentas comoções que, acarretando a queda do regime católico-feudal, sepultava sob as ruínas do teologismo e do militarismo os resultados sociais e morais da evolução ocidental na pujança de sua grandiosa expansão. A origem servil das novas classes desenvolveu esse egoísmo mercantil que deu em resultado a política colonial, a escravização monstruosa dos míseros fetichistas, e ainda hoje devasta o planeta no mais cínico de todos os banditismos. O trabalhador abandonado de seus antigos companheiros de servidão, explorado por eles, que se haviam ligado á nobreza decaída de seu antigo prestígio moral, continua à mercê de todas as privações, no intermínio suplício de saciar a voracidade inextinguível de seus novos senhores. Tal é a situação do Ocidente, do qual fazemos parte. É assim que a base imprescindível da existência coletiva, — esse imenso capital que, pondo cada homem ao abrigo das necessidades materiais, devia proporcionar-lhe os meios de dedicar-se inteiro ao bem-estar comum — tornou-se o mais monstruoso de todos os instrumentos de opressão.

Mas tudo resultou da falta de *opinião pública* capaz de tornar o *número* uma força homogênea, suscetível de impor à riqueza o cumprimento de suas funções normais. Quando o proletariado se houver elevado à compreensão positiva dos fatos; quando ele tiver reconhecido o conjunto de leis que regem o mundo, a sociedade e o homem, todos esses inconvenientes hão de desaparecer; porque os administradores do capital humano *cessarão de ser escravos emancipados*.

Com efeito, a indústria e as artes são as únicas atividades suscetíveis de desenvolvimento sem opressão; basta para isso a moralização da espécie humana. Ao passo que não ha moralidade suscetível de mudar a natureza violenta da guerra, e do regimen que lhe corresponde.

Só a indústria pôde realizar a apossimação de todos os homens pela sua íntima combinação com a ciência, de que é a mais elevada expressão a tipografia. Si parte a alma contemplar as ruínas produzidas pela profanação dos grandes inventos científicos e industriais, desviados do eminente destino que lhes traçarão os beneméritos da Humanidade, seus primeiros inventores, résta-nos a consolação de que são apenas perturbações momentâneas, cuja lembrança dezaparecerá no olvido com que as gerações por vir hão de estigmatizar essas produções monstruozas da anarquia moderna.

A *educação* * tem por objeto a elevação moral do homem, tornando-o apto ao preenchimento espontâneo de suas funções sociais. Como toda a *arte prática*, a educação teve uma faze empírica que rezultou do ezercizio instintivo de nossos órgãos cerebrais: a intelligência revelando-nos os objetos capazes de satisfazer os nossos impulsos altruistas, e estes conduzindo-nos a subordinar a vida humana à sua direção. Formáron-se por este modo os primeiros atos de amor e pureza, que o ezercizio desenvolveu e transformou em hábitos inconscientes e mais tarde em *preconceitos*, fixados na decendência pela hereditariedade. Desde que a formação do capital permitiu a conservação da mulher e dos velhos, pela maior expansão de apego, veneração e bondade, a necessidade que tinham ambos de proteger-se contra a inconstância masculina levou-os a estudar os móveis das ações humanas. Só assim conseguirião dirigir um individuo que lhes era superior em forças. Desde então a educação tornou-se mais regular pela influencia das mãis e dos anciãos. Em breve a experiência destes assegurou-lhes o acendente social que permitiu o advento do sacerdócio, isto é, dos diretores do homem pelo conselho, e cuja autoridade rezultava dos seus conhecimentos práticos.

Ora, a conduta do homem tornando-se tanto mais difficil quanto mais vasta é a sociedade, porque as relações

* Vide a *Moral Positiva* por P. Lafitte.

aumentão também; e, por outro lado, o sacerdote não podendo assistir individualmente a todos os homens em todas as circunstâncias da vida, foi-se conduzido a considerar em abstrato os casos mais comuns e a formular régras para eles. Tal é a origem dos *preceitos morais* que formão o fundo de toda civilização, muitos dos quais são méros hábitos nas populações mais afortunadamente colocadas.

Esse passo capital permitiu desde então o desenvolvimento *sistemático* da educação. Com efeito, estava criada a *teoria abstrata do homem*, isto é, a *moral teórica*.

Como todas as nossas concepções, essa teoria passou por três fazes, teológica, metafísica e positiva. Na fazte teológica as régras morais, reveladas pela observação dos fenômenos humanos, têm um caráter divino, isto é, submetem-se ao império das *vontades* superiores por meio das quais o homem explica os fatos que se passam em torno de si. Nisto, como em tudo quanto ha de real no período teológico, a explicação sobrenatural é apenas a fórmula de uma *lei* descoberta pelo ezame positivo dos fatos correspondentes, segundo o teorema fundamental do Sr. P. Laffitte.

Enquanto a situação foi militar, e portanto compatível com as concepções teológicas, os grandes homens que dirigirão os destinos espirituais de nossa espécie poderão adaptar o vago de semelhantes concepções às necessidades sociais e morais. Em brève, porem, o progresso afetivo, realizado sob a tutela de semelhantes concepções, determinou em todas as almas a aspiração para um regímen de páz e concórdia; e, por outro lado, o advento definitivo da indústria solicitou o desenvolvimento científico. Então a teologia—que afastara o homem da Terra, que fizera do trabalho um castigo, e negara sistematicamente a existência de bons estímulos na natureza humana,—tornou-se de todo ponto incompatível com a situação social e moral do Ocidente. As condições de progresso exigirão o rompimento da ordem; e o resultado foi o abandono de todas as práticas tendentes ao nosso aperfeiçoamento íntimo, envoltas na mesma condenação que ferira de morte o órgão provisório delas.

Em lugar da moral teológica que, embora sob a ficção da divindade, formulava régras positivas para as diversas situações da vida, surgiu a moral metafísica, que nos deixou

à mercê de todas as sugestões, abandonando completamente ao acaso o difícil e capital problema da formação moral do homem.

« A moral metafísica, dis Pierre Laffitte, a moral metafísica concebe os fenômenos morais como efeitos incompreensíveis de uma entidade abstrata peculiar a cada homem, a consciência, considerada como órgão dirêto de uma vontade superior, a Natureza. Em virtude de semelhante doutrina, é a consciência que suscita, explica e justifica todas as ações do indivíduo; nas questões mais complicadas, como nas mais simples, ela nos ensina, por inspiração e sem exame nem análise preliminar, como nos devemos conduzir, quais os preconceitos e hábitos que devem prevalecer. Para ser perfeito, o homem só tem que obedecer em tudo e por tudo à sua consciência e conformar o seu procedimento com o que lhe prescrever o interesse bem entendido. O conjunto das condições necessárias à independência do indivíduo foi formulado na teoria do direito, anterior, superior, inalienável, imprescritível.

« Tal foi a concepção que supriu a incompetência evidente do público e lhe permitiu lutar contra abusos que se haviam tornado insuportáveis. Isso com tanto maior facilidade quanto, julgando da situação presente pela sua comparação com um estado primitivo imaginário, chamado da natureza, ficava-se independente de qualquer tradição, cujo apelo constituía o mais poderoso argumento em prol de um regime opressor. « A moral teológica e a autoridade real exigem actos que repugnão ao coração e à razão? Invoca-se o *direito* e obedece-se à *consciência*. A espontaneidade e a comodidade do processo constituirão a sua excelência como instrumento de luta e de demolição; e, tão bem satisfêz ele ao seu destino, que as nações ocidentais o adoptarão e puzêrão em prática.

« Em si mesma, semelhante doutrina é pueril e incapaz de fornecer soluções reais; não poderia, pois, satisfazer indefinidamente. *Arbitrária*, ela só permitiu destruir a teologia, estabelecendo a anarquia; *contraditória*, ela apresenta todos os inconvenientes da teologia; e, si devesse durar, milhór fora o Catolicismo. J. J. Rousseau, que é o mais popular dos vulgarizadores do dógma revolucionário, offerêce o tipo dos perigos desta concepção da natureza humana. Na *Profissão de fé do vigário saboiano*, ele

espõe assim o seu princípio com todas as contradições que o caracterizão:

Consciência! consciência! instinto divino, vós imorredora e celéste, guia seguro de um ente ignorante e mesquinho, mas inteligente e livre! juiz infalível do bem e do mal, que tórras o homem semelhante a Deus! és tu que fazes a excelência da sua natureza e a moralidade de suas ações; sem ti nada sioto em mim que me elève acima dos brutos, a não ser o triste privilégio de perder-me de erro em erro, graças a uma inteligência sem régra, e uma razão sem princípio.

« E sob ésta inspiração, continua P. Laffitte, meteu os seus cinco filhos na róda dos Espóstos e caluniou os maiores hómens do seu tempo que haviam sido seus amigos e benfeitores. »

Tanto é verdade, cidadãos! que mais vale reconhecer-se o primeiro dos animais do que o último dos anjos!

Enquanto, porem, o revolucionarismo metafizico sistematizava por toda parte a auzência de princípios para a direção humana, o coração feminino, os poétas, os moralistas e os verdadeiros hómens de governo esforçãvãose por salvar os grandes princípios morais da tutela teológica, formulando o sacrificio, independente de qualquer consideração interessada, segundo a mássima sublime da cavallaria mediéva: — *Cumpra o teu dever, suceda o que succeder.* Foi assim que se acumulãrão os materiais que haviam de permitir a Augusto Comte a fundação da *moral positiva*, cuja construção os acontecimentos reservãrão a seu successor, P. Laffitte. Sobre ésta teoria positiva da natureza e da situação do homem é que se apoia a grande arte que tem por objéto a *elevação* moral de nóssa espécie, a *educação*, em uma palavra.

A educação positiva baseia-se num conjunto de fatos que todos pôdem verificar nos mais triviais momentos de nóssa vida; e toda éla resume-se na cultura assídua do sentimento moral — o *dever*. O *dever* é uma função realizada por um órgão livre; e função quér dizer, neste cazo, o concurso para manutenção de um ente coletivo, a Família, a Pátria, a Humanidade.

Esta função rezulta do concurso da intelligência, que nos demonstra as leis de ezistência dos entes superiores, e dos sentimentos altruistas que nos lévão espontaneamente a submeter-nos a éstas leis, mesmo com o aniquilamento do indivíduo, quando o ezige o serviço dos entes que amamos. Dezenvolver, portanto, a intelligência, dando-lhe

o conhecimento destas leis pela instrução científica; exaltar os sentimentos generózos pela representação estética dessas existências superiores; instituir a cultura pessoal e coletiva desses estímulos pela prática que a experiência houver sancionado; dar à atividade um destino altruista, consagrando os nossos esforços pessoais ao aumento e conservação do capital humano; tais são os meios infalíveis de conseguir o acendente contínuo do *dever*. O hábito desenvolverá essa harmonia suprema de nossos órgãos cerebrais, e a hereditariedade fará de nossos filhos os depositários de todas as riquezas afetivas que houvermos assim acumulado.

De tudo quanto acabo de repetir-vos resultão estas três conseqüências:

1.^a Possibilidade de uma crença uniforme em todo o planeta; isto é, a síntese de todos os pensamentos. Crença que ha de triunfar sem recorrer jamais à violência, e que se ha de manter pela livre aceitação de todos os espíritos.

Um pequeno número de homens bastará para ensiná-la a cada geração que surgir, e dar-lhe os desenvolvimentos que a situação social tornar oportunos.

2.^a Possibilidade do concurso de todas as atividades na elaboração do capital humano.

3.^a Possibilidade da páz universal, pela educação, que tornará impossíveis as violências interiores e as opressões estérnas.

E quando essas três conseqüências possíveis se houverem convertido em outras tantas realidades, terá chegado o pleno domínio do regímen livre para o qual tende invariavelmente a espécie, e pelo qual suspirarão em todos os tempos as almas dos grandes eleitos da Humanidade.

Não seremos nós, cidadãos, que havemos de assistir ao estabelecimento dessa era de amor sem ódios; de grandeza material sem aviltamentos; de liberdade sem degradações e anarquia; mas de nosso esforço depende aproximar-lhe o advento e poupar a nossos filhos os dilaceramentos de nossa situação atual. *O tempo é o elemento indispensável em tudo quanto tem feito o homem de grande e verdadeiramente estável. Compreende-se que nossos pais — que acreditávão na intervenção divina em prol do homem; que supplicávão dos seus diretores fictícios milagres para satisfação de seus desejos, — julgássem realizáveis todas as transformações instantaneamente. Então o santo ambi-*

cionava andar sobre as águas, elevar-se aos ares, transpor as montanhas, pela força mística de suas virtudes, que lhe atrairia a graça celestial. Talvez mesmo as alucinações de seu espírito convertêsem tais votos em realidades para ele. A massa, porém, dos homens ficava como dantes ao dezamparo, enquanto os escolhidos de Deus transformavam o mundo ao sabor de seus caprichos. A teoria democrática da sabedoria inata do povo transportou para as massas esse poder onímodo de transformação repentina; fêz depender a felicidade pública e a regeneração social da sincera manifestação de semelhante vontade; e a experiência veio demonstrar a sua impotência, como já havia demonstrado a incapacidade teológica.

O espírito positivo não procede assim; ele sabe e proclama que nem todas as transformações são possíveis; que nossa intervenção prática tem limites, e esforça-se por determinar previamente esses limites construindo a *ciência abstrata*. Uma vez, porém, realizada essa operação preliminar, baseado no conhecimento que ela lhe fornece, atende às prescrições do sentimento e mete hombros a empresas verdadeiramente colossais. Então, cidadão, não é o místico que satisfaz egoticamente as aspirações de sua alma; é a população humana inteira que transpõe os oceanos pelo navio, arrebatada-se aos ares pelo aerostato, centuplica as forças pelo vapor, domina o raio e completa por seu intermédio a unificação cerebral de todos os homens.

Nem a vontade de Deus, nem a soberania popular influirão para esses resultados; o sábio elabora, com o concurso de seus contemporâneos, segundo as leis fatais de evolução, os cabedais anteriormente acumulados; inventa e demonstra; convencem-se e persuadem-se os homens; e o trabalho começa. Correm os dias, e muitas vezes os anos; as gerações se sucedem afadigadas nos mesmos labores, alentadas pela esperança de que seus filhos hão de gozar dessa felicidade que é obra sua; até que chega o momento de marcar um novo benefício das gerações que passarão, um novo elemento de grandeza das gerações que ficão e se hão suceder na imensidade dos séculos.

Tudo isto é lento e bem lento, mas é seguro. Pois bem, esse espírito positivo, cuja superioridade se tem evidenciado em todos os domínios inferiores da atividade humana,

déve introduzir-se hoje nas artes superiores que sistematizão a modificação da sociedade e do homem, — a politica e a moral. O filósofo já assimilou, inventou e demonstrou, construindo a sociologia e a moral; résta convencer e persuadir os homens pela propaganda, que trará a regeneração mental e moral primeiro, e, como consequência última, a reforma politica das sociedades humanas.

O Interêsse pôde desesperar-se e negar o seu concurso para a conquista de uma felicidade que não ha de desfrutar; mas o amor social rezigna-se corajosamente e preliba inesgotáveis gózos na contemplação da grandeza por vir, pela qual trabalha.

Foi o quadro d'essa grandeza que Augusto Comte antecipadamente traçou; à sua realização consagrãrão a existência ele e o pugilo de dicipulos que se lhe conservãrão fiéis. Devo, portanto, apresentar-vos rapidamente essa vasta construção como baze das medidas que a nossa situação politica aconselha.*

Toda a sociedade é constituída por um conjunto de elementos separados, cada um dos quais pôde sentir a própria cooperação. A lei fundamental de sua existência formulada por Augusto Comte, segundo Aristóteles, consiste na *divisão dos officios e convergência dos esforços*. Ora, este fato seria impossível sem a formação prévia do *capital* humano, que se funda nas duas leis acima mencionadas. Uma vês produzida, essa divisão dos officios determina em cada indivíduo a cultura de certas funções e o malór ou menór abandono de outras. Daí resulta que as diferenças individuais se vão pronunciando em virtude do ezerecício e fixando na decendência pela hereditariedade.

O dógma revolucionário da igualdade inata de todos os homens é a negação sistemática de simillhantes diferenças. Basta, porem, contemplar dois animais quaisquer, mesmo em pleno estado de liberdade selvágem, para reconhecer a falsidade de simillhante pretensão. A verdade positiva é que todos os animais superiores, incluzive o homem, possuem os mesmos órgãos; todos eles sentem, todos eles móvem-se, todos eles pensão; mas a aptidão sensitiva, motris ou intelectual, varia de um para outro. São méras diferenças de intensidade em fenômenos comuns;

* Vide o *Catecismo Positivista* de Augusto Comte.

mas são diferenças positivas que não poderemos negar sem ir de encontro às indicações do bom-senso público.

Ora, si essas diferenças existem; si a divisão dos officios, que é fatal, as agrava a cada instante; pretender nivelar a sociedade é tamanho absurdo como tentar o estacionamento de n'osso planeta. O espirito positivo não néga o que é evidente; aceita os fatos e procura tirar deles o maior proveito para todos os homens, baseando-se na existência também real, também evidente, dos instintos simpáticos, que assegurão a fraternidade universal.

Desde que os homens vão assim especializando as suas aptidões, o concurso se vai tornando mais difficil: 1º, pela impossibilidade de ajuizar cada um por si das necessidades comuns; 2º, porque se tórnao imprecindíveis maiores restrições aos impulsos egoistas da natureza humana. Daí a urgência de uma força que mantenha o desenvolvimento de cada função, segundo as exigências sociais, e restrinja as expansões perturbadoras do interesse individual: tal é o fundamento do governo.

Uma força satisfazendo semelhantes condições só pôde provir de um individuo que rezuma em si os elementos de convergência e disciplina resultantes da existência coletiva. Com effeito, em primeiro lugar um individuo isolado, sem nada haver recebido da sociedade, devendo tudo a si mesmo, é uma abstração monstruosa. Onde quer que se encontre o homem, ele pertence a uma certa familia e a uma certa tribu pelo menos. Portanto, cada homem só por si já representa um rezumo de certa existência coletiva de quem recebeu os dotes que possui pela hereditariedade e pela educação. Restrito, porém, a estes dotes, ele é incapaz de representar uma verdadeira força social porque a influencia puramente pessoal, por mais vigorosa que seja, é facilmente superada pelo minimo concurso. Por outro lado, qualquer elemento social de convergência e disciplina é inefficaz quando não se rezume em um órgão individual. Para prová-lo basta considerar a riqueza e o numero. ¿Que pôde valer o imenso capital acumulado pelas gerações tranzatas, antes que um certo individuo se apodere dele e o aplique? ¿Que importa a atividade de milhares de homens, si falta quem os condense e funda em um unico impulso?

Não só é necessário rezumir em um individuo os elementos sociais de convergência e disciplina, mas ainda o bem-estar geral exige que a concentração seja tão vasta

quanto possível. Assim, a riqueza só é suscetível de verdadeira eficácia social quando se opéra a formação das grandes fortunas. Dispersa pelos pequenos proprietários, ella só permite o advento d'essas classes híbridas da sociedade que constituem a burguezia moderna. Então, o capital superabundando para as necessidades reais da existência doméstica desses poucos, e sendo insufficiente para as grandes operações politicas e sociais, o excesso é consumido em satisfações puramente egoístas. Tal é o fundamento social e moral da grande propriedade; o inconveniente não é que ella exista, e sim que os depositários do capital humano divirjam o seu destino, consagrando-a à satisfação escludiva de suas paixões individuais. E o remédio não é suprimi-la, porque seria atentar contra a existência coletiva; é socializar o emprego do capital pela moralização dos depositários naturais da riqueza pública, e a organização sobre bases científicas d'essa

Rainha da Terra inamalgável

que se denomina a *Opinião*.

Similhante organização exige uma doutrina aceita por todos, que indique a cada um os deveres que lhe incumbem, e em nome da qual sejam julgados indifferentemente grandes e pequenos. Mas isso não basta, porque o juizo supõe a applicação da doutrina, e essa applicação exige o conhecimento habitual da situação coletiva, e o estudo das necessidades sociais a cada momento; além de que a efficácia da sentença torna necessário o ensino geral da doutrina. Ora, ¿como satisfazer necessidades tão complexas, sem que alguns membros da sociedade se consagrem especialmente a esta função nova, com inteira independência, isto é, sem que exista uma corporação espirital, distinta das autoridades temporais? ¿E como manter nessa corporação a convergência e a disciplina, exigida pelo interesse coletivo, sem rezumi-la em um cérebro unico, órgão derradeiro da *Opinião* que tambem será a unica em todo o planeta, com o advento da fé científica? Assústão-se com a prepotência possível; mas, como? si os dógmas são suscetiveis de demonstração, e deve existir a mais ampla liberdade de pensamento; como? si a iniciação científica será comum a ambos os sexos em todas as classes, e o supremo chefe não poderá dispor da mínima dominação material, mesmo a riqueza. O conselho demonstrado e o conceito de suas

virtudes constituirão todo o fundamento de seu prestígio, exclusivamente moral.

E demais, ¿para que esses temores sofisticos? A falta de confiança nos chefes é ainda um dos característicos do método revolucionário: ella rezulta da negação dos instintos simpáticos no coração do homem e do não reconhecimento das leis naturais em politica e moral. Daí a supozição de que a autoridade tende sempre a servir o próprio interêsse e a crença na possibilidade de todos os aluzos, como si o governo pudésse transformar-nos em deuzes. O espirito positivo é corajozo em politica e moral, como em todos os outros dominios de nossa atividade; e coragem, nêssas condições, significa a confiança na mais sublime de todas as forças naturais — o altruismo. Confiança inteira e plena responsabilidade, dis Augusto Comte, eis o duplo caráter do regimen positivo. ¿Pois não entregais quotidianamente a vossa vida à discrição dos navegantes, dos engenheiros, dos químicos, dos médicos, de todos os homens, em suma, cuja autoridade se bazeia na crença de possuírem sciência e moralidade? ¿Porque, pois, não confiá-la aos grandes chefes espirituais, quando elles resumirem em si o conjunto das sciências e das virtudes humanas?

E demais, seíamos francos! ¿Para que iludir-nos? Para que cerrar os olhos à evidência? Para que negar o que se está realizando em torno de nós?

Similhante poder ezistiu em todas as épocas, sem ceetuar os tempos de anarquia que atravessamos. ¹ Com effeito, ¿que outra coiza são as academias que administram na colação do grau o sacramento da *admissão* às funções mais elevadas da sociedade, e que distribuem o ensino official, sinão corporações sacerdotais subservientemente collocadas sob a tutela da autoridade civil? ² ¿Que outra coiza é o literato? Que outra coiza é o jornalista, que pretende aconselhar o público; que julga e decide de tudo e de todos; que possui um *Indice* sob o pretexto de critica literária; que avalia o alcance dos novos inventos scientí-

¹ Como todas as instituições, passou por três fazes correspondentes aos três estados do dogma. Enquanto se aceditou em deuzes, o poder espiritual foi o *sacerdócio* teológico; no período metafizico actual são os *acadêmicos, jornalistas e literatos*; no regimen final será o *sacerdócio* positivo.

² ¿Que differença ha entre a colação do grau e a sagração dos reis ou ordenação dos padres?

ficos e industriais; que se erige em diretor da moralidade pública e censor quotidiano de todos os poderes, incluzive as academias: que concede ou recuza aos mortos finalmente o sacramento da *incorporação*? ¹ ¿O que são o jornalista e o literato sinão sacerdotes? E, o que mais é, sacerdotes dispensados das provas de capacidade intelectual e moral, como jamais o forão os sacerdotes antigos; sacerdotes sem nenhum dos deveres, como abstenção de riquezas, que os franciscanos havião reconhecido indispensavel ao ezercicio do poder espirital, e ensino sistemático comum que os jezuitas se impuzérão; sacerdotes enfim tendo por única moralidade obrigatoria a que resulta da observância das prescrições do código criminal. ² E são justamente esses espiritos, academicos, jornalistas e literatos, que mais se elevão contra o poder *espirital* constituído por Augusto Comte quando, sistematizando a ação intelectual e moral dos grandes filozofos, desde Pitágoras até Diderot, fundou o sacerdocio positivista em substituição do sacerdocio teológico.

Similhante corporação não tem outras funções que não as que se arrôgão os seus detratores atuais. Sómene o ezercicio de tão elevado cargo, no Positivismo, supõe uma instrução scientifica que abranja a mathematica, a astronomia, a fizica, a quimica, a biologia, a sociologia e a moral, unida ao dever de ensiná-las em cursos públicos e gratuitos; supõe a aprendizagem e o ezercicio da medicina; a abstenção de qualquer dominação material, mesmo a riqueza; a suprema moralidade da monogamia completada pelo voto de eterna viuvês; a madurez a os quarenta e dois anos; e, como rezumo, o dever da defeza de todos os fracos contra a oppressão de todos os fortes.

Esse conjunto de garantias intellectuais e morais tem sido o verdadeiro móvel das acuzações levantadas em nome da liberdade contra o mais livre de todos os homens; aquelle que, ainda menino, fazia votos pela libertação espanhóla, e mais tarde proclamava a seus compatriotas o

1 ¿O que é um artigo necrológico, sinão a sentença póstuma? Sómene o juiz póde não ter competência; mas em todo caso a pretensão do jornalista é *judgar quem morreu*.

2 Isso não impéde que se encontrem excepcionalmente no cléro metafizico — academicos, jornalistas e literatos, — tipos de valor moral e intellectual; fato aliás muitíssimo mais frequente nos sacerdocios teológicos, apezar de decadentes.

dever de abandonar a Algéria.* Esse tem sido o verdadeiro móvel das calúnias de obscurantismo e prepotência urdidas pelos académicos, jornalistas e literatos contra o filósofo que consagrou a sua longa existência à elevação intelectual e moral do proletariado, sem jamais submeter-se a despotismo algum, quando eles torná-vam-se os instrumentos servís de todos os governos; que fundou a Instituição Politécnica para difundir o ensino científico pelos operários, e nela ensinou por espaço de dezoito anos a mais emancipadora de todas as sciências — a astronomia, — quando eles diplomá-vam os filhos da burguezia enriquecida, torná-vam-se o seu sustentáculo na opinião, e corrompião a moralidade pública pela idealização de todos os cinismos; que terminou seus dias adotando como filha uma mulher do povo, quando eles só procurão as ligações dos grandes e poderózos da Terra.

Seja como fór, essas rezistências não pudêrão impedir que se constituísse o novo sacerdocio cujo chefe actual é Pierre Laffitte, o eminente continuador de Augusto Comte; e muito menos poderão obstar agóra que a sua autoridade e a de seus successores vá sendo reconhecida pela universalidade dos povos. Em França, Inglaterra, Bélgica, Suécia, Brazil, Chile, Uruguai e Estados-Unidos, já a sua vós é escutada sem contestação por todos os que acéitão o conjunto da elaboração de Augusto Comte. É, portanto, a Grande Opinião que se ergue, lenta e segura como todas as construções imorredouras da nóssa espécie.

Fundadas sobre ella as pátrias dêvem ser concebidas como associações destinadas a elaborar a baze industrial imprescindível à expansão moral da Humanidade. Desde então o seu território dêve limitar-se aos marcos naturais que rezultão do livre concurso das famílias, sem jamais empreender anexações violentas. O regimen interno dêlas dedus se deste principio moral único: *dedicação dos fortes aos fracos e veneração dos fracos para com os fortes.* A dedicação dos fortes rezulta da origem social de toda a

* Em relação ao mais immoral desses expedientes (para reaninhar a guerra destinando-a à colonização), ouzo aqui proclamar os votos que fórmoo, em nome dos verdadeiros positivistas, para que os Arabes espúlsem enérgicamente os Francezes da Algéria; si estes não lh'a souberem restituir dignamente. Hei de honrar-me sempre de ter, na minha infancia, ardentemente desejado a vitória da heróica defeza dos Españóls.

(Catecismo Positivista, pág. 375.)

força; e a veneração dos fracos provem da consagração de toda a autoridade como uma necessidade coletiva, proclamada pelo único poder irrefragável, a *opinião pública*, resumida no sacerdócio da Humanidade.

As conseqüências imediatas deste princípio são: 1º, a izenção da mulher, — o mais melindroso de todos os entes humanos, — de qualquér concurso prático, limitando-se eseluzivamente à ação moral pela educação e o conselho, como mãe, espoza, irman e amiga; 2º, o estabelecimento da monogamia sem possibilidade de divórcio, como garantia da proteção dada à mulher, por um lado, e, por outro, como indispensável à segura espansão dos frágeis rebentos que hão de constituir as gerações futuras, e cuja sorte interessa a conservação da Pátria; 3º, a eseluzão feminina de qualquér herança, porque a influência da mulher déve ser estreme de qualquér mácula dominadora; ficando eseluzivamente ao homem o dever de sustentá-la.

A atividade tendo por objéto a elaboração industrial, o governo própriomente dito, que é destinado à direção dessa atividade, déve ser constituído pelos chéfes industriais mais aptos a dominar o conjunto das necessidades práticas. Ora, o *banco* constituindo a mais geral das indústrias, o patriciado respetivo é o único que satisfiz a ésta condição. Daí a conseqüência de ser a direção política confiada aos três principais banqueiros, em relação respetiva com a agricultura, a fabricação e o comércio. A eles déve competir a direção suprema com plena confiança e inteira responsabilidade. A existência natural dos instintos simpáticos os levará espontaneamente ao cumprimento de seus deveres, jamais infringidos impunemente perante uma opinião pública moralizada, esclarecida e livre. A eles competirá também indicar os sucessores respetivos, em virtude do princípio que o profissional é o mais apto para julgar quem será capaz de preencher a função que estava a seu cargo. Mas ésta escolha, publicada com antecedência, ficará espósta à apreciação cívica e sacerdotal.

Administrador de um capital cuja origem coletiva é unanimemente reconhecida, o patriciado terá o dever de empregá-lo socialmente também. Para isso é necessário que cada cidadão tenha a propriedade inviolável do domicílio, sem a qual o estado nômade se prolonga ainda nas sociedades modernas; e demais, cumpre atribuir-lhe um salário capaz de proporcionar a vida de família, não como

pagar, porque o trabalho humano não tem *preço*: mas como base de sua existência cívica.

A liberdade de pensamento deverá ser a mais ampla, e garantida por uma série de instituições puramente civis, que põnhão os cidadãos a cubérto de todas as crenças. O Estado só subvencionará uma doutrina quando ela for unanimemente aceita pelos cidadãos. Até conseguir semelhante resultado os sacerdócios das diversas religiões serão mantidos pelos respectivos fiéis; e isto se entende também com as teorias científicas especialistas. Liberdade espiritual quer dizer completa abstenção do Estado em tudo quanto não for crença unânime.

Tres instituições rezumirão nessa época a constituição cívica: o *Cemitério*, urna sagrada de tudo quanto nos resta dos entes que nos amáram e a quem devêmos quanto somos e quanto possuimos; a *Caza Comum*, símbolo da concórdia cívica onde se reúne o conselho supremo da nação; e finalmente o *Templo*, a imagem da federação de todas as almas humanas no espaço e no tempo.

Tal será a futura organização das pátrias formais. Então o Planeta se ha de compor de pequenos Estados livres em toda acepção do termo, porque cada homem cumprirá conscientemente os deveres exigidos pela situação social. Todas estas pátrias formarão uma vasta confederação, cujo laço será esclusivamente moral, em virtude da uniformidade das convicções, da sinergia dos esforços e da simpatia de todas as almas.





III. — EZAME DA TRANZIÇÃO BRAZILEIRA

Em toda existência normal, a afeição domina permanentemente a especulação e a ação, conquanto a intervenção destas seja indispensável ao sentimento para sofrer e modificar as impressões estórnas. *É portanto ao sentimento que deve ser referido em última análise cada passo teórico ou prático.* Nossa evolução consistindo fundamentalmente em desenvolver a um dado, devemos ter por abortados, ou considerar como puramente preparatórios, todos os progressos da intelligência e da atividade que não influem sobre o sentimento, origem esclusiva de semelhante harmonia.

AUG. COMTE, *Polít.*, III, pág. 67.

A dissolução gradativa do sistema colonial desde a independência americana constituiu fundamentalmente o principio do irrevogável fracionamento de todos os domínios demasiado vastos, que surgirão em consequência da ruptura do laço católico.

Catecismo Foxá., pág. 307.

Harmonizemos a legi-lação e os costumes

Não basta, cidadãos, haver apresentado à vossa contemplação o quadro das grandezas com que o Porvir aguarda as gerações vindouras. A missão de que fomos encarregado pelo digno presidente do Centro Positivista impõe-nos ainda o dever de apreciar rapidamente a nossa situação com mais detalhe, e indicar-vos as medidas que a tranzição nos aponta.

A reforma devendo operar-se preliminarmente nos espiritos, é pelo ezame do estado mental que devemos começar esse rápido esboço.

Situação mental. — Oriundo dos povos em que foi mais profunda a assimilação romana, e onde mais sazônárão-se os frutos da civilização católico-feudal, o Brazil teve ainda a ventura de ficar prezervado do protestantismo.

Para isso concorreu em mássima parte a heróica resistência que se resume nos nomes de João Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias; e a posteridade reconhecida ha de juntar-lhes a memória do eminente padre jesuita que, patenteando os dezastres morais da vitória holandeza,

concorreu poderosamente para o feliz êxito das armas luzitanas. Os resultados desta gloriôza luta, combinados com a sabedoria empírica da ditadura monárquica, pôs-nos também a salvo da propaganda deísta; e, graças a esse concurso de circunstâncias, o Catolicismo pode manter a integridade mental do país no apogeu mesmo da anarquia revolucionária.

Quando, em 1808, os pórtos do Brazil ficárão abertos às nações amigas, já a revolução franceza entrara na sua fase de retrogradação. Aposado da ditadura, Napoleão se havia transformado em monarca e no delírio de sua ambição monstruôza precipitava a França contra a Európa inteira. Fora mesmo esse movimento a cauza que determinou o estabelecimento da corte portugueza na antiga colônia.

Em contato desde então com a Inglaterra, era de lá que nos podião vir as inspiirações, si porventura o sentimento feminino não prezervasse a mentalidade brasileira da aridês protestante, agravada ainda pelo espírito exclusivamente mercantil das relações britânicas.

A nôssa elevação a reino unido, em 1815, em nada modificou esta situação: e assim ficou a raça portugueza entrégue às mesmas causas de evolução revolucionária que a trabalhávão desde o XIV século, até que a revolução de 1820 veio tornar possível a propaganda de todas as teorias. Désta propaganda ia resultar inevitavelmente a emancipação mental do país, si a ignorância da população não fosse um obstáculo insuperável, e si, por outro lado, as necessidades políticas de manter os resultados práticos que já se devião à ditadura de D. João VI, não convergissem todos os esforços para a nôssa independência.

Operada em 1822, exigiu algum tempo para consolidar-se; e foi nêssa consolidação que se empregárão os anos decorridos até 1831, época da espulsão do primeiro imperador.

Lôgo depois, a urgência de impedir a fragmentação do Brazil absorveu nôvamente a atenção geral dos homens mais eminentes. E, conseguida a sufocação das revôltas, a influência latente das rivalidades coloniais, reunida ao desenvolvimento do espírito militar, que fora a consequência das lutas civis, criou a nôssa recente nacionalidade uma situação exterior na qual se absorveu a solicitude pública até 1870.

Até esse ano foi, portanto, impossível anarquizar profundamente a situação mental do Brazil. A atividade política fazia concorrer a mocidade para as academias de direito, que, privadas de toda base científica, não permitião a plena emancipação dos futuros estadistas. Por outro lado, a degradação moral dos hábitos europeus, — instrumentos servis do despotismo principesco ou burguês — tornou quazi impossível também a emancipação dos que se consagravam aos estudos de sciências pozitivas, — médicos e militares. Demais, fosse qual fosse a profissão, os homens eminentes votavam-se à politica por ambição ou por patriotismo; e a politica — as lutas de campanário — não dava tempo para pensar.

Tais foram os motivos que permitiram desenvolverem-se os hábitos de liberdade intelectual, tornando impossíveis os abusos que o código previra, como — tentar destruir as verdades fundamentais da existência de Deus e da immortalidade da alma. ¿Quem havia de tentá-lo, si são todos sinceramente cristãos?

Esses hábitos, porem, arraigados no espirito público, assegurarão a ruptura de tais barreiras, desde que a situação social o exigiu, sem que os poderes públicos se lembrassem de executar sinill antes leis.

E aqui tendes, cidadãos, uma prova de que são os costumes a base real da efficacia legislativa; só a codificação torna-se uma verdade, quando é a expressão dos hábitos gerais.

O Brazil chegou assim à situação mental em que atualmente nos achamos: na grande maioria da nação, que forma a classe dirigida, impéra um fetichismo que poderíamos chamar católico; na quazi totalidade das classes diretoras domina a semi-emancipação revolucionária de Voltaire e Rousseau, caracterizada pela crença em Deus e na immortalidade da alma; e na parte mais ativa da geração moderna lavra a plena emancipação materialista ou positivista. Praticamente: — a mais completa liberdade na manifestação do pensamento.

Ora, o estado normal supõe justamente este último resultado; portanto, só nos resta passá-lo para a legislação, pondo-a de acordo com os nossos costumes. Para isso torna-se necessária uma série de medidas, algumas exequíveis immediatamente, e outras exigindo o concurso do tempo. As medidas possíveis já, são as seguintes:

1.^a Supressão dos artigos repressivos do código, e de todas as condições de adeção à religião do Estado para os cargos públicos.

2.^a A plena liberdade de ensino; supressão da filozofia e retórica na instrução secundária; supressão do colégio de Pedro II e de todos os cursos officiaes puramente teóricos, garantindo-se aos actuaes titulares os seus vencimentos, como satisfação ao dever de respeitar nas reformas politicas o mais possível o equilibrio moral. Estas duas medidas libértão-nos do despotismo civil.

3.^a Instituição do casamento civil, registro civil de nacimentos, e enterro civil.

Esta reforma libértar-nos-á do despotismo clerical.

O conjunto d'essas disposições prepara a pròxima supressão da religião do Estado, e mais tarde a supressão completa das academias, desde que a liberdade de ensino tivér permitido a constituição do ensino superior independente do Estado. Mas até lá impórta que o governo restrinja as academias à formação de profissionais, — médicos, engenheiros, juriconsultos e militares, — sem organizar por fórma alguma uma pedantocracia universitária. *

Situação moral. — Passando agóra ao ezame da situação moral, impórta reconhecer que ella é devida principalmente à influéncia feminina, secundada pelo prestígio da autoridade católica. Devemos especialmente não esquecer o papel eminente que coube à Companhia de Jezus na defensão dos míseros fetichistas americanos, vítimas da cubiça colonial. Nóbrega, Anchieta e Antônio Vieira, são nomes que se conservão indelévels nos corações de todos os brazileiros verdadeiramente emancipados.

Feita esta observação preliminar, cumpre não esquecer que a manutenção das crenças católicas facilitou consideravelmente a influéncia feminina de módo a só tornar possível a profunda anarquia moral na época em que se começou a operar a emancipação radical da intelligéncia. Ora, isso só teve lugar ha poucos anos.

Eis porque os nòssos costumes em fins do XIX século apresentão-se, na classe livre, com os traços mais característicos dos tempos mediévos. Assim é que domina o sentimento na constituição da familia, realizando-se as uniões

* Estas medidas já fóro reclamadas por Miguel Lemos em uma conferéncia sobre o Positivismo no Brazil, realizada no Liceu de Artes e Officios.

na quazi totalidade dos cazos sem as preocupações aviltantes do dote. A monogamia está até hoje ao abrigo de ataques; e a mulhér mantém-se apartada de qualqúer trabalho exterior. Para atingir a época normal bastará completar a monogamia pelo dever de etérna viuévés, espontaneamente aceito, o que constitúi a sistematização de um costume quazi geral entre nós. E, em segundo lugar, desenvolver a influência educadora da mulhér, fornecendo-lhe instrução que lhe proporcione o conhecimento positivo do mundo, da sociedade e do hómem, isto é, o ensino da sciência abstrata e das artes liberais. Desde então ela poderá dedicar-se escluzivamente à educação dos filhos até a idade de 14 anos; e a consequência será o desaparecimento desses quartéis de crianças que se denominão colégios.

Similhante instrução não pôde ser dada pelo Estado; mas desde já é possível convergir todos os esforços para a distribuição geral do ensino primário constituído pela leitura, escrita, contabilidade, desenho e múzica. O résto só poderá rezultar da propaganda para a qual é incompetente o governo.

Situação social — A situação social oferece maiores obstáculos do que a situação moral. Com effeito, das quatro classes que constituem o regímen industrial, só três se achão em condições idênticas às do résto do Ocidente. Na indústria fundamental, porem, — a agricultura, — a massa do proletariado consérva-se escrava. Essa escravidão difere essencialmente da escravidão antiga que foi o rezultado da conquista. Não só esta se operava entre povos de civilizações quazi idênticas; mas ainda o seu estabelecimento denóta um progréssso no sentimento humano, quando o vencedor consérva a vida ao vencido, em vés de sacrificá-lo. Ao passo que a escravidão colonial rezultou da invazão do Ocidente, anarquizado pela ruptura do laço espiritual, nas mízeras populações fetichistas da África, e depois de se havérem libertado os sérvos na Európa católico-feudal. Ela denóta, portanto, uma degradação moral.

Transportadas para a América portugueza, as vítimas da crueldade mercantil, que desmoralizara o coração meridional, fórao transformadas em simples máquinas de produção. Preocupados escluzivamente do ganho, os senhores deixáráo-n-as entrégues aos vícios que não érao incompatíveis com o acréscimo dos lucros materiais, e applicáráo as eminentes qualidades afetivas da infelís raça em dezen-

volver as virtudes que são favoráveis à sociedade de sua escravidão cubica.

Dai resultou o aniquilamento da família pela facilidade das uniões conjugais; o desvio do instinto materno applicado ao filho do amo; e o desvio da veneração filial da mãe para o senhor. Desenvolverão mais a dedicação e a fidelidade. O Catholicismo degradado não teve forças para condenar a maldita instituição; e contemplou-se o infame espectáculo de sacerdotes possuidores de escravos. Ainda mais: em nome de Deus, o confessor absolvía os pecados que os senhores toleravam, e aconselhava as mesmas virtudes que os proprietários exigião.

Eis aí como se formou, sob a influencia da hereditariiedade, esse espectro miseravel de homem que se denomina o escravo moderno, e cuja situação completa o problema social, tornando impossivel a satisfação immediata dos mais ardentes votos dos corações brasileiros. Porque, si foi preciso longo tempo para for nã-lo, tempo será tambem necessário para reparar o immenso crime de que somos responsaveis e de que é solidário o Occidente inteiro. Mas, assim como essa operação nefanda exigiu o concurso de medidas politicas e de aviltamentos morais, assim tambem o trabalho de reparação exigirá a convergência de atos do governo e regenerações de individuos.

As medidas politicas já foram iniciadas pela supressão do infimo tráfico e a promulgação da lei de 28 de Setembro; mas não bastão. Cumpre cortar o mal pela raiz, suprimindo immediatamente o regimen esclavagista, isto é, destruido essa organização monstruosa do trabalho humano, em que o produtor tem todos os onus e só o administrador todos os beneficios da vida social. Para conseguir semelhante resultado, as medidas a tomar são as seguintes:

1^a Completar a lei de 28 de Setembro, proibindo que as mulheres livres possam ser empregadas em trabalhos que as afastem do domicilio;

2^a Suprimir as torturas e toda a legislação criminal especial, que ainda rége o trabalhador;

3^a Proibição absoluta da venda de um só brasileiro;*

4^a Supressão do aquartelamento, pela imposição aos chefes agricolas de concederem domicilios independentes a todas as familias;

* Medida já indicada, em 1855, pelo Sr. Brandão. Vide a brochura *A escravidão no Brasil*, publicada em Bruxélas, 1865.

- 5^a Consagração do sétimo dia ao descanso;
6^a Determinação do número de horas do trabalho quotidiano;

7^a Criação de escolas primárias nos centros agrícolas.*

O conjunto destas medidas colocará o proletariado agrícola em condições de subordinação análogas às do nosso exército de terra e mar. E a eminente superioridade afetiva de nossos infelizes compatriotas garante a sua imediata ezequibilidade.

A estas medidas, que o Estado pôde e deve tomar sem demora, devemos juntar outras de caráter puramente moral, cuja adoção depende exclusivamente dos chefes práticos e dos homens livres. Rezimem-se elas na instituição da monogamia entre os seus subordinados; facilitação das emancipações; observância espontânea das disposições acima mencionadas; abandono dessa fébre de doutores que sistematiza o parasitismo e rouba ao país as suas forças, fazendo acreditar em uma falta de braços que não existe.

Tais são as únicas reformas realizáveis na situação presente, e que permitirão apossimar rapidamente a indústria agrícola da época normal. Toda e qualquer ação mais profunda se nos afigura impraticável.

Quanto às outras classes industriais, as reformas só podem resultar da regeneração dos costumes políticos, regeneração que acompanhará a transformação intelectual. Portanto, o Estado terá feito o que se contem na esfera de suas atribuições, assegurando a liberdade de pensamento pelas instituições acima indicadas.

Situação política. — Passemos finalmente ao ezame de nossa situação política.

A nacionalidade brasileira resultou da colonização de uma parte da América pelos portuguezes, quando já se havia constituído a ditadura monárquica em consequência da decomposição do regimen católico-feudal.

Destacado pela ambição mercantil e ao abrigo de dissensões religiosas pela sabiduria empirica dos chefes, secundados pela ação da Companhia de Jezus, esse ramo do grande tronco peninsular se foi expandindo sem conhecer outra subordinação que não viesse por intermédio da rea-

* Estas medidas já foram indicadas, em 1880, num artigo publicado na *Gazeta da Tarde* e tirado depois em avulso. Trazia as assinaturas de B. Teixeira Mendes, Anibal Falcao, Dr. J. L. Teixeira de Souza, Genérico dos Santos e João de Souza.

leza: nem tradições de nobres, nem tradições de poder espiritual distinto da monarquia. Com o andar dos tempos a dominação política da metrópole tornou-se insuportável; não pelo despotismo espiritual, mas pela subordinação prática. O Brazil se convertera em uma mina, que aos reinos se afigurava inesgotável.

Por outro lado, as gerações que se haviam multiplicando na América criáram pelo só natal esse amor essencialmente fetichista que prende o homem à terra e ao céu que primeiro seus olhos contempláram. Começarão a esquecer esse Portugal longínquo, que jamais tinham visto, e cujas caravélas só apareciam para levar-lhes o milhór de suas riquezas e trazer-lhes os seus mais férreos opressores. O ódio se foi cavando fundo entre os portuguezes de ambos os hemisférios; e as rixas parciais, multiplicando-se, se agravavam de dia para dia.

Nesse interim a revolução protestante caminhava no résto do Ocidente: depois de ter dirigido a independência holandesa em nome da liberdade, e a sublevação inglesa em nome da igualdade, fundira os seus dógmas numa única revólta e guiara a emancipação dos Estados-Unidos da América do Nórte.

O exemplo desse acontecimento veio então unir-se aos ódios que se haviam gerado contra a dominação de Portugal, e deu em resultado a conjuração mineira, que foi malograda ao nacer, legando-nos em Tiradentes eterno modelo de dedicação cívica.

Ao mesmo tempo que o mártir brasileiro sagrava com seu sangue a redenção nacional, caía a realza no Ocidente e abria-se a era deciziva da grande crise revolucionária

Portugal—que acompanhara a torrente do XVIII século, na administração heróica do Marquês de Pombal, que fora o primeiro a desfechar o golpe de morte no único esteio que restava à organização católica, pela supressão dos jezuitas.—havia passado às mãos de D. Maria I. E sobresaltada agóra mais do que nunca pelas comoções d tremenda luta, a ditadura monárquica redobrou de zelo no isolamento da península e suas possessões. Ficava França só a decidir dos destinos da Humanidade.

Infelizmente, as condições mentais não permitiam nova organização social; porque das três escolas filozóficas do XVIII século, só a de Rousseau formulava um programa de organização, e este se baseava nos elementos fund

mentais do antigo regimeu, — a existência de Deus e a immortalidade da alma. A escola de Voltaire levava ao septicismo; e a escola orgânica de Diderot, — que desenvolvia as bases científicas da futura ordem, — não tinha conseguido estendê-las definitivamente à biologia, à sociologia e à moral.

Em falta de uma doutrina científica, a situação revolucionária exigia a continuação do empirismo político pela organização de uma ditadura republicana, isto é, de um governo que mantivesse o *statu quo*: — a ordem material e a plena liberdade intelectual e moral. Danton era homem talhado para essa missão gloriôza, si a sua falta de ambição não tivesse tornado possível o seu aniquilamento e a acensão da ditadura robespierriana. A restauração de Deus preparou o advento de Bonaparte com o seu cortejo de opressão espiritual pelo estabelecimento do Catolicismo concordatário e da ciência universitária.

A ambição insaciável do novo ditador precipitou-o sobre a Espanha e determinou a fuga da família de Bragança para o Brazil. Aqui chegado, o regente abriu os portos às nações amigas, em 1808; e em 1815 elevou o Brazil à categoria de reino unido nos de Portugal e Algarves, dotando-nos com todas as instituições que permitirão a nação viver independente. Para tanto só faltava a separação, e ela foi novamente tentada em 1817, na revolução pernambucana.

Malgrado como a tentativa mineira, esse gloriôzo movimento veio no entanto afirmar que os grandes sentimentos de nossa raça não careciam mais da tutela das ficções teológicas. Proclamou-se: a salvação do povo, lei suprema; a abolição do regimen escravo, uma aspiração nacional; e a plena liberdade de pensamento, — mesmo em matéria religiôza, — um direito civil inviolável. E, o que é mais para admirar-se, reconheceu-se implicitamente que a manutenção da *ordem* era a base imprescindível do *progresso*. Tanto quanto possível, ficava, pois, esboçado o programa de nossa evolução; e, para que nada faltasse, semelhante programa teve a santificação do martirio.

A esse tempo já havia sido esmagado o vandalismo napoleônico e restaurada em França a ditadura real pela instalação da monarquia constitucional. Desde então começaram os portuguezes a manifestar desejos pelo immediato regresso da família bragançina, não só pelo amor que os

súditos votávão á coroa, mas ainda pelo ciúme da supremacia que rezultava para o Brazil da estada do príncipe entre nós. A isto juntava-se a esperança de resarcir, pela recolonização, os prejuizos vindos ao comércio da ex-metrópole, em consequência da política de D. João VI. Todos estes fatores, unidos à aspiração que nutria a classe instruída para o estabelecimento de um regimen livre, dêrao em resultado a revolução de 1820, abraçada no Brazil com fervoroso entusiasmo.

Em consequência deste movimento, reúnirão-se as cortes portuguezas, e nas bazes do projeto de constituição proclamávão a liberdade de pensamento. Aceitas pelo rei antecipadamente, éssas bazes criávão para o Brazil a situação que convinha à nóssa evolução, si porventura os ódios antigos dos colonos e reinóis, unidos à imensa distância dos povos, não ezigissem a definitiva separação.

A sociedade não podendo subzistir sem governo,—e o governo espirital estando aniquilado,— a única organização possível era a ditadura; e ésta não encontrando uma doutrina scientifica para dirigir-se, devia limitar-se a um empirismo esclarecido, subordinando-se aos costumes. Tais fôrao os resultados definitivos da revolução de 1820. Si o povo amava o rei, e si este aceitava um papel progressista, ¿porque suprimí-lo? Si a nação inteira adorava Deus, a Virgem e os santos, ¿porque não manter o culto católico? O culto, dizemos nós propositalmente; porque era tudo quanto restava de influencia social à antiga autoridade religiôza. Uma única medida política faltou, e foi o erro de todos os movimentos que se têm operado na raça portugueza, a partir d'essa época. Éssa medida é a supressão da hereditariedade monárquica, tornando a sucessão dependente da escolha do ditador, sancionada pelo voto nacional.

Isto, porém, não se realizou, porque o empirismo grosseiro, agravado pelas teorias democráticas, levou os fautores da revolução a proclamarem a monarquia constitucional representativa que vïão em torno de si; a ezigirem o pronto regresso do monarca, e a cometêrem a empreza irrealizável da recolonização brasileira.

O resultado foi a nóssa separação mais rápida, isto é, o rompimento immediato da única opressão que realmente existia. Para comprehender a direção que tomou o movimento nacional cumpre lembrar ainda uma vês que n'essa

época não existia teoria alguma positiva de governo. De sorte que só restava aos chefes políticos guiarem-se empiricamente pelos fatos. Demais, instruído nas sciencias naturais, Jozé Bonifácio, — que incontestavelmente dirigiu o desenlace da situação, nesse momento, — não podia nutrir a creença ingênua na infalibilidade democrática, máxime depois dos resultados que troussêra a sua applicação em França. Além de que, já a escola de De Maistre havia demonstrado a irracionalidade de semelhantes teorias.

Dada a situação que vos acabo de figurar, dada a presença do príncipe D. Pedro entre nós, o empirismo, — único diretor seguro em falta de sciencia positiva, — levava à solução que os patriótas adotarão. Do erro que cometêrão não suprimindo a hereditariedade, os absolvem as creenças de católicos sincéros. Não transportemos para 1822 as nossas idéias de hoje e os deenganos inflingidos a essa grande e generôza Pátria Brasileira pelos príncipes a quem ella confiou a suprema direção de seus destinos. Nossos pais fizêrão tudo quanto a sabiduria humana poderia aconselhar ao mais acrizolado patriotismo; e, si os fatos desmentirão as suas esperanças, não é isso motivo para amaldiçoá-los.

A necessidade de consolidação conduziu-nos à revolução de 1831; nesta época a República se teria proclamado entre nós, si a França não houvésse adotado ainda a monarquia constitucional. O erro capital, porem, foi ainda o mesmo de 1820 e 1822; erro que poderia ter sido reparado na época da maioridade, si a falta de uma teoria científica não constituísse um obstáculo permanente, insuperável, a qualquér vizão clara das necessidades politicas. Para perceber todo o alcance desta afirmação basta notar que a supressão da hereditariedade é a única consequência politica da proclamação da república entre nós.

As lutas intestinas da nôva nacionalidade dividirão em brêve os espiritos entre os que se preocupávão das necessidades da emancipação local e os que acima de tudo collocávão a integridade do país. Sem dúbida alguma que no futuro o Brazil se ha de dividir em repúblicas independentes, confederadas moralmente pelos laços de uma mesma creença e de uma mesma origem sociológica. Mas no momento atual as necessidades da evolução comum tórão necessário sancionar politicamente a homogeneidade que rezulta de nossos antecedentes históricos. Fôrão esses an-

B
10
P
1

LIBRARIES
ARY
305-6004

er 7 days

precedentes que torná-lo eficaz: as compressões violentas do primeiro e do segundo impérios e que dêrão em resultado a formação definitiva do Brasil como nacionalidade política. Para prová-lo basta lembrar que não foi possível manter a anexação, a princípio voluntária, da Cisplatina, em breve separada de nossa comunhão.

Foi essa tendência espontânea à unidade política, caracterizada pela ditadura central, que tornou possível a anulação efetiva do *parlamentarismo* e a constituição do poder pessoal, reconhecido por todos os partidos. República ou monarquia, enquanto as condições sociais exigirem a ditadura, esta será central e jamais parlamentar entre nós: é uma fatalidade que nos domina, como o ar que respiramos. E no dia em que surgir o regimen da *opinião*, pelo reconhecimento ocidental da autoridade religiosa fundada por Augusto Comte, a ditadura terá desaparecido, mas a federação não será política, será moral simplesmente.

Em virtude desta tendência a nossa nacionalidade resumiu-se na *Capital*, onde viêrão convergir as forças vivas da nação de modo a assegurar uma direção única à evolução do vasto colosso brasileiro.

Mas as lutas dos partidos; a lembrança das revoluções provinciais abafadas com demaziado rigor; o exemplo de toda a América; os movimentos de 30 e de 48 em França; e o caráter corruptor que assumiu a ditadura imperial, mativêrão a aspiração para a completa eliminação da monarquia. Entre os que nutrirão esses votos cumpre distinguir dois grupos: o primeiro formado pelos homens dos velhos partidos constitucionais que as decepções políticas haviam afastado da realeza; o segundo constituído pela geração que vinha erguendo-se e em cuja imaginação o espetáculo horrendo de cabeças decepadas, cadáveres mutilados e arrastados até o cemitério às caudas dos cavalos; o quadro lutooso das guerras civis que conflagrãrão nossa Pátria durante o primeiro e o segundo impérios, fizêrão aparecer a família de Bragança envolta no martírio de nossos pais desde 1792. Alheia a todos os manejos da política, a *república* surgia para ela como a satisfação dos grandes sentimentos do coração meridional, o governo supremo da *fraternidade* e da *paz* em todo o universo.

E como nas regiões políticas nada indicasse outra doutrina que respondesse a semelhantes votos, além da demo-

cracia, foi a éla que se apegáão os jóvens republicanos, a ezemplo da geração deziludida.

Tal éra a situação, quando a proclamação da república franceza veio determinar o advento dos republicanos como partido político, tendo à sua tésta hõmens eminentemente colocados no país. O grupo de moços aderiu com o fervoroso entusiasmo de quem não teve deziluzões na vida; e a propaganda ateou-se vigoróza e dezinteressada por todas as escólas contra todos os elementos da ordem antiga, incluzive as congregações acadêmicas. Foi dèssa época que do seio da mocidade levantou-se o rugido de cólera e ezecação contra o passado monárquico. Os fautores de nòssa independência começáão a ser alvo de maldições de toda sórte pela fundação da monarquia; e erguêãose altares a todos os revolucionários pelo fato único de havêrem trabalhado para seu aniquilamento. Demais, havia a facinação do martírio pela liberdade, que os divinizava incontestavelmente. E como ninguem é perfeito, e como a situação conduzira inevitavelmente a medidas violentas, por vezes ecessivas mesmo, não foi difícil pedir a éssas imperfeições e a éssas medidas a justificação da cegueira revolucionária.

Similhante situação não podia durar. A doutrina positiva já estava construída, e a mocidade das academias científicas havia de encontrá-la forçozamente, desde que a sustentasse o mesmo ardor social. Foi o que se operou realmente.

O estudo das sciências especiais — da matemática sobretudo — sob professores do valor moral de Benjamin Constant, levou alguns desses moços à meditação das obras de Augusto Comte. Desde logo começou a pronunciar-se a profunda diferença entre os dois grupos republicanos, tornando-se mais evidente por ocasião da última tentativa de restauração teológica. Enquanto os velhos democratas repetião os temas da crítica metafizica, sustentando a subordinação da autoridade religiõza, ou proclamando os direitos imprescritiveis da consciência individual, a mocidade sistematizava o ataque a todos os elementos do vélho regimen constitucional, batia o ensino official, refutava o dógma revolucionário da soberania, patenteava o descalbro dos partidos democráticos, propagava a lei da evolução descuberta por Augusto Comte, e proclamava a regeneração pela sciência e pela morali-

zação do povo. Mas tudo tinha ainda um caráter vago e heterogêneo.

A mistificação litreísta, na frase de Miguel Lemos, impedia que atingíssemos logo a plena emancipação; desvanecida, porém, que foi ela, a propaganda afirmou-se com seu caráter verdadeiramente orgânico. Começou-se o restabelecimento do passado e a reparação das injustiças a que uma doutrina revolucionária nos havia conduzido; cumprindo aqui nomear o eminente diretor atual do Positivismo no Brazil, como o promotor incontestável de semelhante movimento. *

Foi desse conjunto de circunstâncias que resultou a nossa situação política.

O país acha-se organizado numa monarquia constitucional representativa e hereditária, em cujo seio se levanta um partido republicano composto de democratas e positivistas. Demais, a quasi totalidade dos partidos monárquicos manifesta opiniões republicanas, adiando apenas o advento para época indeterminada. Nestas condições, qual deve ser a nossa conduta política?

Formular na legislação o que já se acha nos costumes, o que é o resultado dos antecedentes históricos que vos acabo de lembrar. Manter, portanto, a integridade da nação, caracterizada pela supremacia política da Capital; e concertar uma série de medidas que nos conduzão à emancipação civil, pela eliminação de todo concurso teológico nos negócios públicos. Isto resume-se nestas palavras: manutenção da ordem e garantias ao progresso.

As medidas a que aludimos são as seguintes:

1.^a Promulgação das instituições civis que assegurem a liberdade de pensamento de que já gozamos e que já fôrão indicadas.

2.^a Uma vês conseguidas, a religião de Estado perde a razão de ser como instituição civil, e cumprirá suprimi-la.

3.^a Alcançada esta supressão, a hereditariedade monárquica fica sem o único fundamento que lhe résta, por faltar-lhe a consagração divina.

Só Deus pôde garantir-nos as aptidões políticas de quem ainda não nasceu; desde, portanto, que o Estado não tiver Deus, não pôde ter chefes hereditários. Cumpre

* Vide a nota final.

desde então adotar a sucessão pela escolha do chefe sancionada pela aprovação nacional.

Como garantia d'essa evolução urge dar à massa do exército uma organização capaz de desenvolver nos soldados os sentimentos cívicos que já animão a quazi totalidade dos officiaes. É isso uma garantia de ordem e liberdade para o interior e p'as estérna.

Ficará assim constituído um governo verdadeiramente republicano, em que a manutenção da ordem e da liberdade resultará de considerações puramente sociais, puramente humanas, pela supressão de todo vestígio teológico.

Desde então o progresso ha de consistir em tornar cada vês mais insignificante a ação da força, e mais considerável a influencia da opinião pública; isto é, em substituir o sentimento moral do dever à obrigação legal. Este progresso será a consequência da livre propagação de todas as theorias, que ha de conduzir fatalmente o país a adotar a única doutrina capaz de satisfazer as aspirações brasileiras, apresentando a demonstração científica das grandes qualidades sociais e morais de nossa raça. E quando a vitória for completa, o laço patriótico se terá convertido em federação moral, pela unidade de crenças, de costumes e de origem, que será o immortal característico das futuras repúblicas em que se ha de dissolver o Brazil.

Cidadãos!

Os grandes patriarcas de nossa emancipação política fizêrão quanto lhes permitião os instrumentos de que dispunhão e a época de convulsões que atravessáráo. No brado audacioso — *Independência ou morte* — resumirão o que lhes ia n'alma de corágem e dedicação pelos vindouros, formulando como etérna nórma de conduta cívica, os impecáveis eze mplos de Tiradentes e dos heróis de 17. Sem doutrinas científica que lhes assegurasse a conduta, entrégues ao empirismo, em meio da tormenta revolucionária, os seus successores patenteáráo constantemente a mesma abnegação patriótica nas lutas cruéis que nos têm dilacerado. Sustentáculos da *ordem*, ou mártires do *progresso*, todos erguerão-se impulsionados pelas mesmas aspirações de glória para o Brazil e concórdia para o univérso inteiro. Curve-mo-nos, pois, ante essas memórias venerandas; e, hoje

que a doutrina científica existe, prosigamos sem dezaletos, sem dissensões, internas ou internacionais, na terminação do monumento que nos legarão; correspondamos às nobres esperanças que em nós haviam depositado, trabalhando sistematicamente pelo advento da fraternidade e da paz universal. Que a Humanidade possa no futuro, abençoando a grandeza de nossos filhos, repetir a frase do maior dos poetas brasileiros:

Vejo um povo de Heróis!

Rio de Janeiro, 26 de Gutenberg de 93 (7 de Setembro de 1881).

R. TEIXEIRA MENDES,
47, Travessa do Desterro.



NÓTA

Para que o leitor julgue ezatamente da marcha do Pozitivismo entre nós, juntaremos os seguintes pormenóres:

« A primeira adezão pública ao Pozitivismo, de que temos noticia, contem-se em uma brochura sobre a escravidão, publicada, em 1865, pelo Sr. Brandão. * Ésta manifestação, porem, ficou izolada e profundamente desconhecida do público. Durante muito tempo o Pozitivismo só foi conhecido entre nós por alguns professores de matemática, que se utilizávão, nos seus trabalhos e no seu ensino especial, das vistas de Augusto Comte sobre ésta sciência. Entretanto, em 1874, o Dr. Barreto, que havia feito os seus estudos médicos na Európa, e a quem o Sr. Brandão dedicara o seu livro a título de positivista, publicava o primeiro volume de uma obra intitulada—*As três Filozofias*. Ésta publicação passou quázi tão despercebida como a primeira aos ólhos de um público muitô mal preparado e que ignorava até a existência do Pozitivismo. Foi pouco depois que alguns moços da Escola Politécnica, entre os quais citarei o Sr. R. Teixeira Mendes, abordárão a leitura do *Sistema de Filozofia Pozitiva*. Como eles possuíão relações com o jornalismo, pudérão começar desde então uma propaganda ativa, que teve imensa influência sobre a mocidade e

* *A escravatura no Braxil* — Bruxélas, 1865. Na circular de 1865, o diretor do Pozitivismo, P. Laffitte, exprime-se nestes termos: « Do nóssô interessante núcleo brasileiro, tão felizmente surgido ha alguns anos, e no qual a espontaneidade das adezões verifica tão bem as esperanças de Augusto Comte sobre as populações meridionais, nominalmente católicas, emanou uma primeira manifestação por uma brochura sobre a abolição da escravatura no Brazil, devida ao nóssô jóven confrade, o Sr. Brandão. Depois de algumas vistas gerais elevadas, o Sr. Brandão indica os meios práticos que lhe parécem mais convenientes parr operar no Brazil a abolição necessária da escravidão. » (N. de R. T. M.)

público a existência de
estes moços foram des-
ta obra do Mestre pelo livro de
filosofia positiva. Acred-
itasse pretensu discípulo, dividião
duas partes, a obra de Augusto
rejeitando outra. Houve então na
positivistas formados espontaneamente
que escrevia, falava e atuava sobre
colunas das escolas, — era o grupo litreista; o out-
do parte, dirigia-se a um público especial
tava-se lentamente, um a um, — era o grupo religio-

A agitação provocada na opinião pelos adere-
completos do Positivismo estimulou os que acei-
obra inteira de Augusto Comte, e tornou-lhes a act-
ativa e estensa. Foi então que o Dr. Oliveira Guil-
tão cedo roubado ao futuro da Pátria, teve a i-
fundar no Rio de Janeiro uma bibliotéca positivista
a qual dirigiu-se a todos que aceitávão as idéias e
na primeira das grandes obras de Augusto Comte. E
tentativa de fuzão entre os dois grupos: de comum
aliávão-se as dissidências para fazer concorrer t-
atividades no lançamento preliminar das bases e

« Nesse interim, o Dr. Barreto publicava o
volume de seu livro, ¹ e o Dr. Joaquim Ribeiro
donça sustentava, perante a Faculdade de Medicina
uma tée inteiramente positivista; ² por outro lado
completos fundávão jornais, revistas, fazião confe-
de desenvolvendo as nóvas vistas históricas de Auguste
e a sua filosofia das sciências. Surgirão os advers-
forão combatidos com ardor, con o afan da mocid-
de nada duvida. O Positivismo acabara por ap-
todos os espiritos ativos. Póde-se dizer, sem receio
testação, que foi esse o primeiro movimento filozó-
dadeiramente sério que haja visto a nóssa jôver
Até então, quanto a idéias gerais e sistemas filozó-
conhecíamos a mistura pueril de teologia e m-
ensinada nos colégios. Eis porque, seja dito de pa-
é ridiculo pretender fazer atualmente a história da
no Brazil: só se móstra assim que se tórnão diss-

1. *A Filosofia Metafísica* — S. Paulo, 1876. Nos escritos pos-
Dr. Barreto acha-se completamente desviado do Positivismo. (N. 1)

2. *Da Nutrição*. Rio de Janeiro, 1876.

literárias por meditações filozóficas e que se não possdã noção bastante nítida das condições gerais de qualquer progresso intellectual.

« Seja como for, teve-se de pensar em uma organização séria e sair d'essa acção por demais vaga e pessoal. Os positivistas completos, alguns dos quais se haviam relacionado com o nosso director, Pierre Laffitte, fundarão então, sob o nome de Sociedade Positivista, uma associação tendo por duplo fim concentrar a propaganda em uma direcção única, e recolher cotizações para o subsídio sacerdotal. Esta fundação é recente: data de 24 de Gutenberg de 90 (5 de Setembro de 1878), vigésimo-primeiro aniversário da morte de Augusto Comte. ¹

« Quanto ao grupo dos *incompletos*, operou-se por último uma transformação das mais significativas ² e de que me honrarei sempre de ter dado o primeiro exemplo. Aqueles de nós que puderão apreciar por si, em Paris, a nulidade de acção do grupo litreista, apossimãrão-se instinctivamente da caza da rua Monsieur-le-Prince. Aí ao menos encontrava-se ensino verdadeiramente superior, aí sentia-se a dedicação completa, sem rezervas, à continuação da obra do Mestre; aí via-se que para esses dicipulos fieis o Positivismo não era um simples tema literário, ou um passatempo de erudito; aí estãvao sem d'úvida alguma a influencia deciziva e o futuro. Despojãmos pouco a pouco os prejuizos anti-religiózos que nos havia insuflado, por meio de seus sofismas, aquele que se dizia o verdadeiro representante do Positivismo, e puzemo-nos a ler as últimas obras de Augusto Comte. Lamentãmos então o tempo perdido, e ficãmos em estado de apreciar a aptidão filozófica daquele que não passara nunca de um parafraseador de algumas tézes scientificas fornecidas por Augusto Comte. Ao lado deste ezame das criticas de Littré contra a doutrina, faltava igualmente verificar os seus juizos sobre o homem: foi o que fizemos, e pudemos, com os documentos em mãos, reconstruir a grande e santa personalidade do Fundador. De résto, espéro um dia fazer a meus compatriótasa (história d'esta transformação, e prometo esclarecê

¹ Foi a própria sociedade fundada pelo Dr. Oliveira Guimarães, que por sua morte, alguns dos membros transformãrão na Sociedade Positivista. (N. de E. T. M.)

² Todo este parágrafo applica-se eschuzivamente a Miguel Lemos. (N. de R. T. M.)

-los, então, sobre o valor filozófico e a conduta de quem havíamos considerado por muito tempo o continuado de Augusto Comte.» *

Uma vez convertido, Miguel Lemos escreveu-nos de Paris insistindo em sucessivas cartas para que meditássemos as últimas obras de Augusto Comte, que tivéramos a leviana credulidade de supor em desacordo com os fundamentos lançados no *Sistema de Filozofia Positiva*. Cedendo enfim às instâncias do amigo, empreendemos a leitura de *Sistema de Política Positiva*, e, convencido do nosso erro encetámos imediatamente a propaganda orgânica em artigos e espondendo o *Catecismo Positivista* na escola do Club Republicano de S. Cristóvão, obtida por intermédio de Sr. Jozé do Patrocínio. Ao mesmo tempo, Miguel Lemos proseguia sem descanso na propaganda, determinando a conversão do nosso amigo comum, o engenheiro Cipriano Jozé de Carvalho, promovendo a celebração brasileira do tricentenário de Camões, e atuando sobre os nossos compatriotas, rezidentes em Paris, que com ele se achávão em contato. Por nosso lado tratávamos de reagir sobre os antigos companheiros e amigos, especialmente Godofredo Jozé Furtado, Honorino G. Pinheiro e J. E. Teixeira de Souza, aos quais juntou-se em breve Aníbal Falcão; e sobre alguns discípulos que nos havíão confiado a sua iniciação matemática. Mas conservámo-nos todos afastados da *Sociedade Positivista*, sendo ainda Miguel Lemos quem venceu as nossas hesitações para o conagraçamento definitivo. Estas e outras conversões aumentávão o Centro de propaganda com um novo contingente, ao ponto de achar-se mais que duplicado por ocasião de comemorar-se, em 1880 o 23º aniversário da morte do Fundador.

Em 1º de Janeiro do corrente ano celebrámos a festa da Humanidade, por delegação do Presidente da Sociedade Positivista, o Dr. Joaquim Ribeiro de Mendonça; e em Fevereiro, a chegada de Miguel Lemos veio dar-nos novo impulso, garantindo a indispensável sistematização. Na Europa havia ele formulado a teoria positiva de Portugal, por ocasião do centenário de Camões, de cuja celebração fora encarregado pelo atual diretor supremo do Positivismo, Pierre Laffitte. E logo depois (25 de Novembro de 1880), fora investido pelo mesmo na *aspirância* ao sacerdócio

* Miguel Lemos, *Revue Occidentale*, 1880.

pozitivista, como a coroação de seus esforços intelectuais e morais. Tudo o indicava para o lugar de chefe do Positivismo no Brazil; e o Dr. Joaquim Ribeiro de Mendonça, então presidente, rezolveu espontânea e dignamente transmitir-lhe essa direção, o que se efetuou com aprovação de Pierre Laffitte.

Durante a sua presidência, o Dr. Joaquim Ribeiro de Mendonça efetuara duas publicações de incontestável valor para a propaganda: o *Espírito Positivo*, e as *Circulares* de Augusto Comte; merecendo, pelos serviços prestados, que lhe fosse conferido o título de presidente honorário da Sociedade Positivista.

Depois de sua volta, Miguel Lemos celebrou o centenário de Turgot; encarregou o Dr. Teixeira de Souza da comemoração de Calderon de la Barca, e, ainda ha pouco, da apreciação positiva de Broussais, que se ha de efetuar brevemente. Realizou a série de conferências que havia prometido sobre a vida e obras do Mestres; interveio oportunamente na questão da imigração chinesa, publicando um enérgico protêsto que mereceu os aplauzos de todas as almas honéstas; celebrou o 24º aniversário da morte do Fundador; encarregou-nos do *curso de catecismo*, desta vês realizado no Liceu de Artes e Offícios, por nóbre concessão do Sr. Bitencourt da Silva; confiou-nos a espoziação do *Calendário positivista*; finalmente, promoveu a celebração do 7 de Setembro como *data nacional*. Agóra mesmo lá se acha em S. Paulo demonstrando nóvamente a maravilhóza unidade da mais prodigióza das existências humanas.

Mas não é tudo: a sua dedicação só pôde ser ajuizada pelos que estão em condições de acompanhar a vida quotidiana do Centro Positivista. Tambem esse trabalho tem obtido a única recompensa a que ele podia aspirar: o aumento contínuo da influência da nóva religião sobre a sociedade brasileira. Essa influência tradus-se principalmente pelo estensão progressiva do Centro, que conta atualmente em seu seio um número considerável dos membros ativos da modérna geração.

Rio de Janeiro, 7 de Shakespeare de 93 (16 de Setembro de 1881).

R. TEIXEIRA MENDES.

47, Travessa do Desterro.

TIPOGRAFIA DO "APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRAZIL"



Últimas publicações

- O dia nos pap.*, por H. Teixeira Mendes (edição do autor), 1.º vol. de maio de 1900, paginas, o tudo com gravuras. 1500
4. *A Patroa Brasileira*, Discurso lido no dia 7 de Setembro de 1881, por H. Teixeira Mendes. 1275
236. *Indicações gerais sobre o Positivismo a propósito do Centenario*, por H. Edger, 2.ª edição. 1800
237. *L'Apostolat Positiviste au Brésil*, Septième Circulaire Annuelle, par M. Lemos, 2.ª edição. 1800
238. *A politica positivista e a reorganização das sociedades brasileiras*, por R. Teixeira Mendes, 2.ª edição. 2000
239. *Normas Octogonâneas*, por Miguel Lemos. 8000
240. *Um esboço de positivismo em Ato 125*, por Arthur Bandeira. 1800
253. *O despositismo brasileiro perante a cartografia*, por Dr. Joaquim Bezerra Leal. 1800
256. *L'Apostolat Positiviste au Brésil*, Dix-huitième Circulaire Annuelle, par Miguel Lemos. 1800
257. *O apostolado Positivista no Brasil*, Duodécima Circulaire Annuel, pelo mesmo. 1800
258. *A Kabbala de Augusto Comte*, Algumas observações sobre o projecto pelo Dr. Comgraves. 8000
- 259-14. *Calendario e Bibliographia positivistas regulares no pectivamente de um indice chronologico e de um indice bibliographico*, por Miguel Lemos. 1800

Boletim: Ns. 3, 7 e 8 P. — Ns. 25, 26 e 27 P.

Os pedidos de publicações devem ser endereçados a El. Artur Pava, encarregado da respectiva seção.





B 1043 .P6 .T4 1902

C.1

A patria brasileira :

Stanford University Libraries



3 6105 035 635 601

B
1043
P6
190

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
CECIL H. GREEN LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(415) 723-1493

All books may be recalled after 7 days

DATE DUE

APR 18 2001
APR 3 2001

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD, CALIFORNIA
94305-6004

